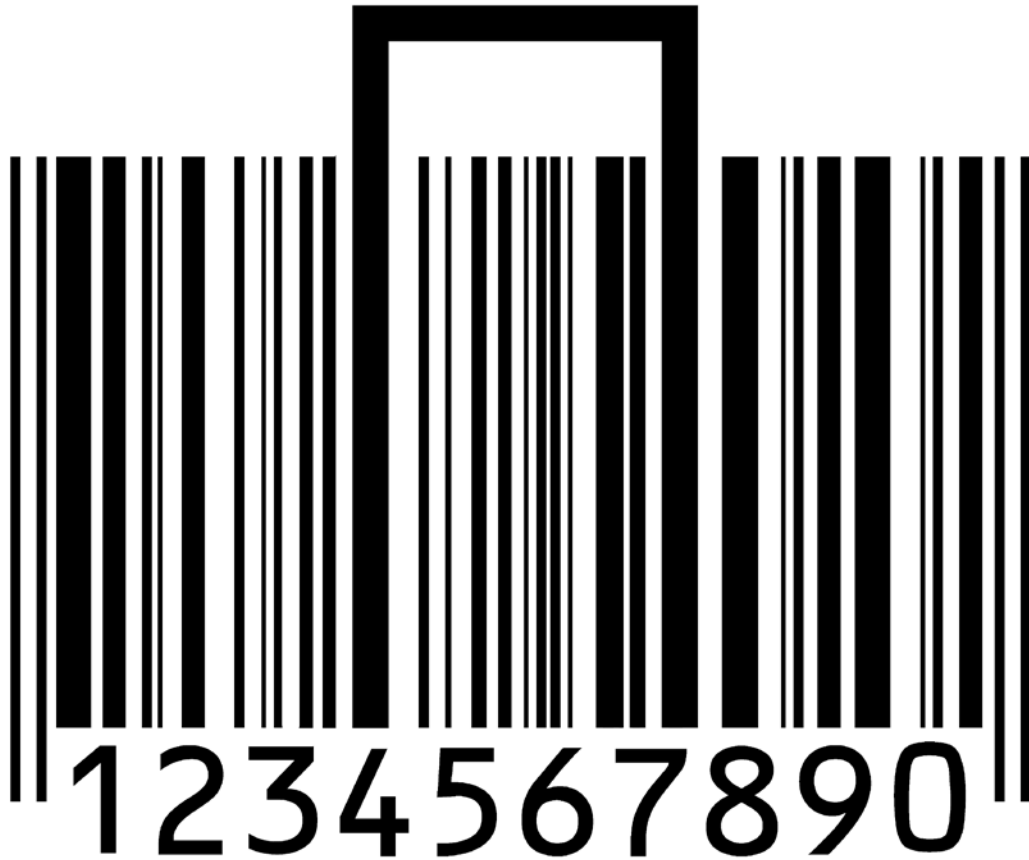


# PÁGINA 22

INFORMAÇÃO PARA O NOVO SÉCULO

FGV  
GVces

NÚMERO 53  
JUNHO 2011  
R\$ 15,00



## O turismo que compramos ajuda ou atrapalha?

**CVC:** O que a maior operadora pensa sobre sustentabilidade  
**DESENVOLVIMENTO LOCAL:** renda do visitante mal chega ao visitado  
**PÉ NO MATO:** experiência que renova ideias e comportamentos



Felipe Luchi,  
Cliente Santander.

Ele literalmente  
voou para o Rio quando  
seu sobrinho resolveu  
nascer mais cedo.

TEM CHEQUE E SPECIAL. E TEM  
O SANTANDER MASTER DO

JUNTOS

Alessandra Mendonça,  
Gerente Santander.

Para ela, ficar ao lado  
dos clientes nos  
imprevistos constrói  
relações de longo prazo.

SANTANDER  
MASTER

10 DIAS  
SEM JUROS

+ PARCELAMENTO DO SALDO DEVEDOR PELA  
METADE DOS JUROS DO CHEQUE ESPECIAL

O Santander criou um cheque especial parceiro, que oferece 10 dias sem juros por mês e permite a você reorganizar suas contas num imprevisto ou oportunidade. Fale com nossos gerentes e veja a opção de crédito que mais atende às suas necessidades.

Central de Atendimento Santander: 4004-3535 / SAC: 0800-762-7777 / Ouvidoria: 0800-726-0322

Inspire-se nessas histórias.  
Faça o download do leitor no  
phdmobi.com pelo celular, abra o  
aplicativo e fotografe este código.



facebook.com/santanderbrasil  
Twitter: @santander\_br  
youtube.com/santanderbrasil

 Santander

VALORIZANDO IDEIAS  
POR UMA VIDA MELHOR.

www.santander.com.br

As condições do produto estão sujeitas a análise e aprovação de crédito, podendo ser suspensas ou extintas a qualquer momento. Para conhecer o Custo Efetivo Total (CET) e a taxa efetiva anual no dia útil anterior, para que não exista cobrança de juros. Os 10 (dez) dias sem juros são parte do programa de relacionamento, composto de condições comerciais concedidas pelo Santander.

de juros, consulte o Santander. A partir do 11º dia, serão cobrados juros por todo o período utilizado. O depósito para cobrir o saldo devedor deverá ser feito e estar disponível na conta-corrente variando conforme o pacote de serviços contratado a critério do cliente. O cancelamento do pacote de serviços cessará imediatamente todos os benefícios do programa de relacionamento.



## Jogando a favor

**Entramos em** junho, mês comemorativo do meio ambiente, sob forte baque. A festa deu lugar ao revés, com retrocessos na votação do Código Florestal, assassinatos em série de camponeses na Amazônia, aumento descontrolado do desmatamento.

Não é hora de lamentar, e, sim, de reagir. O governo federal, diante do “incêndio”, lançou várias medidas emergenciais. Mas sabemos que somente uma mudança de modelo mental poderá garantir, a longo prazo, um ambiente no campo e na floresta que reúna segurança, aumento de renda, melhoria das condições sociais, desenvolvimento econômico e conservação dos recursos naturais.

Essa mudança de modelo passa por inverter a lógica de remuneração. A lógica que impera desde tempos coloniais é aquela que só vê na derrubada da mata a possibilidade de crescimento – ainda que imediatista e à base de fogo, ferro e sangue. Há diversos mecanismos e incentivos pelos quais se fomenta a economia da floresta e se valorizam os serviços que a natureza presta – até mesmo para a agricultura –, fazendo com que o interesse passe a ser de conservação, não de destruição.

O turismo, atividade à qual dedicamos esta edição que antecede o mês de férias, é um dos melhores exemplos de instrumento econômico capaz de jogar a favor da economia verde. Se bem desenhado, é uma forma poderosa de gerar empregos, distribuir renda e melhorar uma realidade socioeconômica, na medida em que conserva as características ambientais, culturais e sociais de um lugar – pois sua atividade, para que perdure a longo prazo, depende intrinsecamente da manutenção dessas condições. O mais interessante é que abre oportunidade de desenvolvimento em qualquer lugar do mundo, seja rico, seja pobre.

Assim, a lógica do turismo é a de conservação, ainda que grande parte do setor opere sob o antigo modelo mental. PÁGINA22 defende que cada vez mais esse instrumento jogue a favor da sociedade, fazendo a sua parte para que haja mais comemorações neste e em outros meses do ano.

Boa leitura

# PÁGINA22

ESCOLA DE ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS DE SÃO PAULO DA FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS  
DIRETORA Maria Tereza Leme Fleury

**FGV**  
GVCes  
Centro de Estudos em Sustentabilidade da EAESP

COORDENADOR Mario Monzoni  
COORDENADORA-ADJUNTA Rachel Biderman

JORNALISTAS FUNDADORAS Amália Safatle e Flavia Pardini  
EDITORA Amália Safatle  
SUBEDITORA Carolina Derivi  
REPÓRTER Eli Ridolfi  
EDIÇÃO DE ARTE Dora Dias (Vendo Editorial)  
www.vendoeditorial.com.br  
CONCEITO DO PROJETO GRÁFICO Rico Lins  
ILUSTRAÇÕES Sírio Braz  
EDITOR DE FOTOGRAFIA Antonio Brasiliano  
REVISOR José Genulino Moura Ribeiro  
COORDENADORA DE PRODUÇÃO Bel Brunharo  
ENSAIO FOTOGRÁFICO Ding Musa

COLABORARAM NESTA EDIÇÃO Ana Cristina d'Angelo, Daniela Gomes Pinto, Fábio Rodrigues, Flavia Pardini, Flavio Gut, Gisele Neuls, Gustavo Faleiros, José Alberto Gonçalves (edição e textos *Economia Verde*), Lluís Checa, Ricardo Abramovay

JORNALISTA RESPONSÁVEL  
Amália Safatle (MTb 22.790)

**ANUNCIE**

COMERCIAL E PUBLICIDADE  
COORDENAÇÃO Jorge Saad  
CONTATO Livia Barros  
(11) 3807-7084 /conexao@aiue.com.br

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
Rua Itararé, 123 - CEP 01308-030 - São Paulo - SP  
(11) 3284-0754 / leitor@pagina22.com.br  
www.fgv.br/ces/pagina22

CONSELHO EDITORIAL  
Aerton Paiva, Ana Carla Fonseca Reis, Aron Belinky, Eduardo Rombauer, José Eli da Veiga, Mario Monzoni, Pedro Roberto Jacobi, Ricardo Guimarães, Rico Lins, Roberto Waack

IMPRESSÃO Vox Editora Ltda.  
DISTRIBUIÇÃO Door to Door Logística e Distribuição  
TIRAGEM DESTA EDIÇÃO: 5.000 exemplares

Os artigos e textos de caráter opinativo assinados por colaboradores expressam a visão de seus autores, não representando, necessariamente, o ponto de vista de PÁGINA22 e do GVCes.

**MISTO**  
Papel produzido a partir de fontes responsáveis  
FSC® C044008

A REVISTA PÁGINA 22 FOI IMPRESSA EM PAPEL CERTIFICADO, PROVENIENTE DE REFLORAMENTOS CERTIFICADOS PELO FSC DE ACORDO COM RIGOROSOS PADRÕES SOCIAIS E AMBIENTAIS

**creative commons**  
PÁGINA 22, NAS VERSÕES IMPRESSA E DIGITAL, ADERIU À LICENÇA CREATIVE COMMONS. ASSIM, É LIVRE A REPRODUÇÃO DO CONTEÚDO –EXCETO IMAGENS – DESDE QUE SEJAM CITADOS COMO FONTES A PUBLICAÇÃO E O AUTOR.

## 16 ENTREVISTA

"O turismo associado à natureza não decolou porque falta conforto", diz Guilherme Paulus, da CVC

## 22 ABERTURA

A atividade turística tanto pode acelerar a degradação como definir a conservação

## 28 RETRATO

Entre pares de lugares similares mas opostos, o concreto armado e a mata desarmada

## 36 DESENVOLVIMENTO LOCAL

Em áreas naturais, a percepção é de que a renda deixada pelo visitante mal chega ao visitado

## 40 EXPERIÊNCIA

Por que o turismo tem o poder de virar a vida das pessoas pelo avesso

## 44 URBANISMO

A nova fronteira urbanística de Barcelona é fazer da cidade a própria plataforma da criatividade

## Seções

22

1234567890

O turismo que compramos ajuda ou atrapalha?

**06** Notas, Web e Cultura

**12** Economia Verde

**34** Estalo

**43** Coluna

**49** Análise

**50** Última

CAPA Foto: Kayros Studio / Be Happy!



## Caixa de entrada

Comentários de leitores recebidos por email, redes sociais e no site da PÁGINA22

### INBOX [reportagem: Se essa rua fosse minha]

Será que chegará o dia em que pessoas como eu, que colocam o filho na garupa, a mochila na cesta e vai pedalando até a escola, deixarão de ser encaradas como excêntricos, tamanha a naturalidade com que as bicicletas serão percebidas como meio de transporte? Pode ser impressão, mas parece que o número de ciclistas nas ruas de Brasília tem crescido. **Max Wolosker**

Há muito não lia um texto tão consistente e quase poético.

**Valter Fernandes Bustos**

### [reportagem: Cidades que funcionam]

A decisão de construir cidades mais sustentáveis passa pelo processo de revermos nossa democracia participativa, no qual o centro das atenções não será mais a União, e sim as cidades onde tudo acontece. Precisamos pensar e trabalhar em rede. **Marcos Custodio**

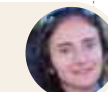
### [post: O mistério do rio perdido]

Incrível ter um lugar assim tão próximo. Passamos tanto tempo olhando pro trânsito que esquecemos as coisas bacanas da cidade. **Taynah Dias Teixeira**

**OUTBOX** Agradecemos os elogios, recebidos por email, à divulgação dos resultados da pesquisa de opinião sobre PÁGINA22, e por respondermos às sugestões de melhoria feitas pelo leitor. Os dados estão no *Blog da Redação*.

### EM CASA! Amália Safatle, fundadora e editora

O PERFIL DE QUEM FAZ PÁGINA22 Quando enveredou pelo jornalismo econômico, Amália sentiu que faltavam partes na história: colocar a economia dentro do sistema ambiental e relacioná-la com questões sociais. Mal sabia que essas eram as três pontas do chamado tripé da sustentabilidade. Encontrou em PÁGINA22 a oportunidade de conectar tudo, inclusive ela mesma com o jornalismo de verdade, sonhado na faculdade. A conexão com a Terra ela faz do quintal da casa onde vive, a 40 quilômetros de São Paulo, com 5 cães, 2 gatos, 2 tartarugas aquáticas, 2 filhos e 1 marido.





## Código (anti)florestal

O governo federal diz que promoverá ajustes no Senado ao texto do novo Código Florestal aprovado pela Câmara dos Deputados em 24 de maio. Entre modificações na mira do Executivo, que orientou sua base a aprovar a proposição na Câmara, estão a remoção da anistia aos desmatadores e do artigo que autoriza os Estados a definirem que atividades econômicas poderão ser mantidas nas Áreas de Preservação Permanente (APPs). O texto foi aprovado por 410 a 63 votos na emenda 186, relatada pelo deputado Aldo Rebelo (PCdoB-SP), complementada pela emenda 164, do PMDB, com placar de 273 a 172.

Em meio às idas e vindas no projeto relatado por Rebelo, mesmo profissionais e ativistas com longa experiência em política ambiental não sabiam ao certo o que havia sido aprovado no Congresso uma semana depois da votação.

Estrago feito, é hora de entender a dimensão do prejuízo à legislação ambiental brasileira provocado pela reforma do Código. Contrariamente ao que o governo tenta mostrar à opinião pública, a anistia aos produtores que desmataram ilegalmente suas propriedades até 22 de julho de 2008 foi incluída já na emenda 186.

O que a 164 fez foi, além de ampliar a anistia, legalizar outros usos nas APPs, como atividades agrossilvopastoris, ecoturismo e turismo rural. Pela 186, o desmatamento em APPs somente seria autorizado em caso de utilidade pública, interesse social ou baixo



DA ESQUERDA PARA A DIREITA: Luis Carlos Heinze (PP-RS), Valdir Colatto (PMDB-SC), Aldo Rebelo (PCdoB-SP), Homero Pereira (PR-MT) e Moacir Micheletto (PMDB-PR)

impacto, condições definidas em decreto federal. Além disso, a emenda do PMDB permite aos Estados que regulem o exercício de outras atividades econômicas nas APPs, numa afronta ao Conselho Nacional do Meio Ambiente (Conama), que emergiu como um dos grandes derrotados nas votações da reforma do código. **POR JOSÉ ALBERTO GONÇALVES PEREIRA**

[LEI AMBIENTAL II]

### AS "PEGADINHAS" DO PROJETO

Mais retrocessos foram aprovados pelos parlamentares. O início da APP foi deslocado do nível máximo do rio na cheia para seu leito regular, abrindo terreno para ocupações na planície de inundação, área de aguda sensibilidade ecológica.

Multas por desmatamento ilegal em APP ou reserva legal antes de 22 de julho de 2008 ficam suspensas por ao menos um ano, prazo para o produtor aderir ao Programa de Regularização Ambiental de seu Estado (PRA). Ao ingressar no PRA, o proprietário ficará isento de sanções ambientais enquanto durar o cumprimento do Termo de Adesão e Compromisso assinado junto ao órgão ambiental.

As mudanças aprovadas são ainda mais prejudiciais, pois incluem o fim das APPs em reservatórios artificiais sem barramento, admitem a redução da APP em barragens de hidrelétricas de 100 para 15 metros e afrouxam as exigências para o georreferenciamento das propriedades, em muitos casos dificultando a fiscalização.

O curioso nas duas votações é que o discurso pró-pequenos produtores a que Aldo Rebelo recorre para justificar as mudanças no Código Florestal resumiu-se a duas medidas na versão aprovada pela Câmara. Pelo artigo 13, imóveis com até quatro módulos fiscais (20 a 400 hectares) – no código atual, 150 hectares é o limite máximo para caracterizar a pequena propriedade – são liberados da obrigação de recompor a reserva legal, mantida consoante a mata nativa existente em 22 de julho de 2008. Procedimentos simplificados nos planos de manejo também deverão ser disponibilizados para pequenos proprietários ou posse rural familiar. **(JAGP)**

[DEMOGRAFIA]

### BOA OU MÁ NOTÍCIA?

A população humana sobre a Terra deve atingir 10,1 bilhões de pessoas até 2100, anunciou a Divisão de População da Organização das Nações Unidas no início de maio. A estimativa baseia-se em taxas de fertilidade e contraria versões anteriores de que a população se estabilizaria em torno de 9 bilhões de pessoas a partir da metade

do século. Alguns dias depois, outro setor da ONU, o Programa para o Meio Ambiente (Pnuma), lançou um relatório alertando que o crescimento da população e da prosperidade pode triplicar o uso de recursos até 2050, tornando-o insustentável. Se até lá o crescimento econômico não se descolar do consumo de recursos, diz a ONU, “a humanidade pode devorar estimados 140 bilhões de toneladas de minerais, minérios, combustíveis fósseis e biomassa por ano”.

Os alertas estão todos dados, falta talvez ligar os pontos. O futurista americano Jamais Cascio fez as ligações e lembrou que a humanidade já enfrenta enormes desafios, como as mudanças climáticas e a sustentabilidade da produção de alimentos – além do superconsumo de recursos, como destaca a ONU. “Dada a escala dos desafios que enfrentamos neste século, se chegarmos a um planeta com 10 bilhões de pessoas em 2100, só pode ser porque fomos bem-sucedidos em gerir crises em cascata”, escreveu Cascio. “Dez bilhões em 2100 é um sinal positivo, não negativo.” **POR FLAVIA PARDINI**



Apoiamos a  
conservação das  
águas brasileiras  
e convidamos você  
a abraçar essa causa.

Banco do Brasil. Um banco  
diferente que liga tudo isso.

Homenagem ao Dia Mundial  
do Meio Ambiente e da Ecologia.

Saiba mais no [bb.com.br/aguabrasil](http://bb.com.br/aguabrasil)

todo seu



**BANCO DOS BRASILEIROS**



# [NOTAS]

[ECOTURISMO]

## Escritório *outdoor*

Uma nova tendência tem se tornado cada vez mais iminente entre as operadoras de ecoturismo no Brasil: a atuação no mundo corporativo. Voltados inicialmente a um público adepto dos esportes radicais, seus serviços estão ganhando corpo entre as empresas que desejam oferecer algo diferente como treinamento ou incentivo para seus funcionários.

Companhias têm visto no ecoturismo um meio de integrar equipes e desenvolver conceitos como liderança, paciência e cooperação em atividades promovidas no contato direto com a natureza, como acampamento, enduro a pé e *rally* ou mesmo as mais radicais, com destaque para o *rafting* e o rapel.

Segundo Giancarlo Valias, diretor do Venturas Empresarial, segmento da operadora de ecoturismo Venturas & Aventuras, trabalhar somente com atividades diretamente relacionadas a esportes radicais acaba por limitar muito o público de atuação dessas operadoras, que perceberam a possibilidade de estendê-las, de um modo adaptado, ao público corporativo.

Todos os serviços são customizados de acordo com as especificidades exigidas pelas empresas e pelos próprios participantes, nos casos de restrições alimentares ou limitações físicas, por exemplo. Para incrementar as atividades, algumas operadoras ainda fazem parcerias com consultores em áreas como psicologia, gestão de pessoas e neurolinguística.

“É um segmento em que se trabalha olhando para os detalhes. É isso que a empresa espera. Eventos de 200, 300 pessoas também são pensados dessa forma”, completa Valias. **POR ELI RIDOLFI**

[E-LIXO]

## UMA MÃO DOS EUA

Cerca de 15% dos aparelhos eletrônicos que vão para o lixo nos EUA são reciclados. Desses, boa parte acaba exportada para países em desenvolvimento, já que os americanos não ratificaram a Convenção da Basileia, cujo objetivo é prevenir a transferência de lixo perigoso para essas nações. Mas, para dar uma mão aos esforços que tentam minimizar o impacto do e-lixo em solo alheio, a Agência de Proteção Ambiental dos EUA (EPA) decidiu trabalhar com a StEP (Solving the E-Waste Problem), uma iniciativa da Universidade das Nações Unidas. A EPA prometeu liberar US\$ 2,5 milhões ao longo de cinco anos para analisar as rotas de exportação do e-lixo, aprimorar a coleta de dados e desenvolver práticas ambientalmente responsáveis em países da África e da Ásia, tais como o reúso de metais de telefones celulares. **(FP)**

## BASTA CLICAR?

A gigante do varejo on-line Amazon.com expandiu seu programa de *trade-in*. A iniciativa permite que o consumidor envie produtos usados – independentemente de onde tenham sido adquiridos – para a rede e, em troca, receba crédito que pode ser usado nas próximas compras. Para fazer a troca, o consumidor clica no botão “trade-in” no site da Amazon e imprime um selo pré-pago para enviar seus objetos usados pelo Correio. A Amazon recebe o produto, avalia e deposita o crédito na conta do consumidor. O programa, que já estava disponível para outros itens, agora conta também com 2.550 tipos de aparelhos eletrônicos, incluindo celulares, tablets, MP3 e câmeras. A Amazon não informa o destino dos aparelhos. Especula-se que parte dos produtos acabe exportada para países em desenvolvimento. **(FP)**



ACABAMOS DE PUBLICAR NOSSO PRIMEIRO RELATÓRIO DE SUSTENTABILIDADE: RESULTADO DA HISTÓRIA QUE ESCREVEMOS TODOS OS DIAS.



## FALA, LEITOR

HISTÓRIAS E IDEIAS DE QUEM LÊ PÁGINA 22



Se você deseja participar desta seção, escreva para [LEITOR@pagina22.com.br](mailto:LEITOR@pagina22.com.br) e conte um pouco sobre você e seus projetos. Para se comunicar com Flávia Gabriela Oyo França, escreva para [flaviagabriela@odebrecht.com](mailto:flaviagabriela@odebrecht.com)

De Brasília, a engenheira ambiental Flávia Gabriela Oyo França ganhou o mundo. Partindo de uma ideia original de trabalhar com reciclagem de garrafas PET, ela foi parar na Alemanha, em busca de um mestrado em governança ambiental. Mas o que uma coisa tem a ver com a outra? “Sair do local para o global, juntar as ciências exatas com uma visão social de políticas públicas, ampliar”, explica.

Flávia defendeu sua dissertação em governança ambiental sobre os projetos de infraestrutura na Amazônia. Ao voltar para o Brasil, ingressou no Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia (Ipam), onde ampliou a atuação em mudanças climáticas e vivenciou na prática ações entre as comunidades tradicionais e povos

indígenas. Em fevereiro de 2010 foi para a Construtora Norberto Odebrecht integrar a equipe do programa de sustentabilidade da companhia, mais especificamente no que diz respeito a mudanças climáticas.

“O programa foi criado para orientar o desenvolvimento da cultura interna sobre o tema das mudanças globais do clima, a adoção de práticas empresariais e a conquista de novas oportunidades de negócios, sintonizando a empresa com a economia de baixo carbono”, conta a engenheira.

São três linhas de atuação: inventário de gases de efeito estufa, estratégias e programas de melhoria do balanço de emissões e busca de oportunidades no mercado de carbono. Neste caso, para os seus clientes, agregando valor à cadeia do negócio.

Flávia tem uma visão crítica, porém otimista, sobre a aplicação dos conhecimentos na área de sustentabilidade. “Não existe uma receita de bolo para juntar as pontas, universidade e prática, é um exercício diário difundir e somar o conhecimento acadêmico às competências já desenvolvidas em busca do modelo ótimo de sustentabilidade”, afirma ela. Na sua opinião, os avanços na tecnologia e toda a temática que está em voga traz oportunidades de ampliação do escopo das empresas e benefícios para as comunidades envolvidas. “Percebo que as empresas estão se engajando nessa busca não só pela questão de mercado, mas, principalmente, pelos aspectos ambientais, éticos e humanos.” **POR ANA CRISTINA D'ANGELO**





POR ELI RIDOLFI

PRATA DA CASA

## Só o metrô salva?

**A** polêmica despertada pelo churrascão da gente diferenciada, em São Paulo – e sua repercussão na internet –, faz reacender um debate antigo, mas nem por isso superado: é o metrô a única alternativa ao caos do trânsito nas grandes cidades?

Pelo menos na metrópole paulistana, muita gente responderia que sim. O problema é que esse fetiche pelo transporte subterrâneo pode acabar suplantando outras soluções para a mobilidade urbana. Por que será que o ônibus não goza do mesmo prestígio? PÁGINA22 investigou e parece que essa trama está mesmo muito mal contada.

No fim das contas (bem altas, por sinal), a viabilidade de tornar a cidade inteiramente permeada por estações de metrô é questionável. Para se ter uma ideia, só com o valor dos trens, cerca de R\$ 30 milhões, podem-se comprar 60 ônibus articulados, fora os outros R\$ 100 milhões, em média, gastos na construção de cada quilômetro de malha metroviária.

Isso sem comparar as intervenções que cada um representa ao ocupar o espaço urbano. Quem nos apresentou esses e outros números foi Adalberto Maluf, diretor da Fundação Clinton em São Paulo e membro do Grupo de Trabalho de Transporte, do Comitê de Mudanças Climáticas da prefeitura paulistana.

O buraco parece ser mais abaixo, bem mais do que qualquer estação de metrô. Leia o post completo no *Blog da Redação* em [fgv.br/ces/pagina22](http://fgv.br/ces/pagina22).



TRANTINGPANDA



### CAMINANTES DE LOS ANDES

É um portal que reúne vasto material sobre as sociedades andinas anteriores ao período das Grandes Navegações. Quem organiza e gerencia todo o conteúdo é a comunidade Sariri, formada por um grupo de descendentes e não descendentes desses povos, que se reúne para estudar e disseminar

sua cultura. Vale a pena ler as passagens que explicam a visão que eles têm sobre a vida na Terra, ou ainda o que chamam de “cosmovisão andina”.

Os Sariri buscam resgatar a harmonia com a natureza, perdida depois que o homem começou a industrializar o mundo e poluí-lo. “A cultura dos Andes é uma cultura de respeito, e é nisso que baseou toda a sua história, realizando construções que respeitam o entorno e se adequando à morfologia da Terra.”

Além de artigos sobre variados

temas, o portal ainda conta com um arquivo de vídeos – destaque para um sobre o ponto de vista boliviano em relação às mudanças climáticas. Vale conferir. [caminantesdelosandes.org](http://caminantesdelosandes.org)

### REDD AMAZÔNICO

Está disponível para *download* gratuito uma das mais completas publicações sobre o mecanismo Redd (Redução das Emissões por Desmatamento e Degradação) no Brasil. Além de oferecer uma visão geral sobre os marcos regulatórios da questão, o livro, intitulado *Redd*

### VALE O CLICK NOOSFERO

Trata-se de uma plataforma totalmente livre que congrega uma série de funcionalidades: podem-se construir blogs, conhecer pessoas, reunir grupos temáticos e organizar eventos numa agenda eletrônica, além de armazenar e compartilhar arquivos. As discussões abordam principalmente temáticas como redes digitais, software livre e mobilizações on-line. [noosfero.org/Site/WebHomePtbr](http://noosfero.org/Site/WebHomePtbr)

### GOOGLE ART PROJECT

Pode parecer mais real que o real. O Google acabou de lançar um site a partir do qual o usuário visita virtualmente 17 dos grandes museus do mundo. Além de ter uma panorâmica das salas e corredores, é possível analisar obras em detalhes. Cada um desses espaços ainda escolheu especialmente uma obra para oferecer em altíssima resolução (pode-se ver o craquelê de telas a óleo). Palácio de Versalhes, Galleria degli Uffizi e National Gallery estão entre os museus da lista. [googleartproject.com](http://googleartproject.com)

### PNUMA

A ONU lançou um site especial, em português, sobre o Dia Mundial do Meio Ambiente. Tem uma série de artigos, vídeos e fotos sobre a mobilização no Brasil e no mundo, além de papéis de parede e selos do evento para *download* gratuito. [unep.org/portuguese/wed](http://unep.org/portuguese/wed)

no Brasil: um enfoque amazônico, apresenta as prováveis implicações de sua adoção na Amazônia, junto com uma estratégia nacional de implementação do mecanismo como oportunidade para uma nova economia florestal.

O livro é o resultado de uma parceria entre o Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia (Ipam), a Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República (SAE/PR) e o Centro de Gestão e Estudos Estratégicos do Governo (CGEE). [ipam.org.br/biblioteca](http://ipam.org.br/biblioteca)

POR ANA CRISTINA D'ANGELO (ANA@PAGINA22.COM.BR)

## Música em movimento

O palco agora é lugar de passagem. Estão cada vez mais comuns as apresentações nos metrôs. A ideia é boa, porque promove o encontro da plateia com o lugar do transporte público, mostrando que ele existe e deve ser usado. É o caso do BH Music Station, o festival de música que lá ocorre pela quinta vez. Os mineiros não são muito adeptos do transporte público e o metrô da cidade é bastante deficiente. O Festival começa quando os trens param de funcionar, de meia-noite até as 5 horas. Serão três sábados seguidos neste mês de junho, 4, 11 e 18. É um ingresso por noite que dá direito a várias estações-shows. E no trajeto você se diverte com performances, teatro, circo e música ao vivo nos vagões e corredores do trem. Os artistas Marcelo Camelo, Lobão, Roberta Sá e Trio Madeira Brasil, Tiê, Os Paralamas do Sucesso, Funk Como Le Gusta, Gravelover's, Nação Zumbi, Del Rey, Fusile e Orquestra Mineira de Brega estão confirmados.

Em São Paulo, a Estação Paraíso do Metrô recebeu até o mês passado várias atrações. O objetivo foi transformar a hora do *rush* em momento de diversão e cultura, sempre na última sexta-feira do mês,



DIVULGAÇÃO

com a esperança de que nessa data o público estivesse mais relaxado.

Os shows foram realizados ao lado da plataforma de embarque para o Tucuruvi. A produtora responsável pelo festival informa que 18 estações foram contempladas em todas as regiões de São Paulo durante os próximos dez anos. O público possível são 4 milhões de pessoas que circulam diariamente pelo metrô da capital paulista. Mais em [bhmusicstation.com.br](http://bhmusicstation.com.br) e [projetoencontros.com.br](http://projetoencontros.com.br).

## 2012 com otimismo

Longa *2012 – Tempo de Mudança* estreia este mês em São Paulo e Rio de Janeiro. Produção nacional, dirigida por João Amorim, o documentário é didático na abordagem dos três pilares da sustentabilidade – sociedade, meio ambiente, economia –, mas também instiga o espectador a mudanças de hábitos, a observação do conhecimento tradicional e a busca de modos de vida menos individualistas e mais harmônicos. Sting, Gilberto Gil, David Lynch, Ellen Page, André Soares, Lucy Legan, Paul Stamets, entre outros entrevistados, enriquecem o filme com seus relatos.



DIVULGAÇÃO

## Festival de cinema francês

Este ano, 22 cidades brasileiras (Rio de Janeiro, São Paulo, Belém, Belo Horizonte, Brasília, Campos, Campinas, Curitiba, Florianópolis, Fortaleza, Goiânia, João Pessoa, Juiz de Fora, Macaé, Maceió, Natal, Porto Alegre, São Luís, Santos, Salvador, Recife e Vitória) recebem programação de filmes inéditos da recente produção francesa entre os dias 8 e 16 de junho. O filme de abertura é a comédia *Potiche*, de François Ozon, e quem vem divulgá-lo é ninguém menos que a diva Catherine Deneuve. No ano passado, o evento atraiu mais de 25 mil espectadores em nove capitais. São Paulo e Rio vão receber delegações de artistas franceses e encontros com profissionais da área, um verdadeiro intercâmbio de experiências entre franceses e brasileiros. Fique atento ao site para saber a programação completa: [festivalcinefrances.com](http://festivalcinefrances.com).

## Quarteirão do soul

O espaço público apropriado pelo movimento do soul americano dos anos 60. Agora faça a transposição para os anos 2000 e para o cenário do centro de Belo Horizonte, coalhado de músicos e dançantes adeptos da *black music*. O Quarteirão do Soul completa sete anos e reúne a turma entre a Avenida Amazonas e a Rua Tupis. A música ao ar livre rola todo sábado de 14h às 22h e funciona no esquema “é só chegar”. O grupo nasceu no dia 26 de abril de 2004, quando Geraldo, lavador de carros, vendeu um CD ao amigo Abelha, que resolveu ouvi-lo ali mesmo. “Quando o Abelha chegou pra pegar o CD, a gente estava aqui tomando uma cerveja e ficamos escutando as músicas e dançando. Chegaram algumas pessoas e, ali mesmo, resolvemos começar a festa na semana seguinte”, conta Geraldo.

O Quarteirão do Soul gerou um curta, *Damas do Soul*, um registro da vida das mulheres que, apesar das dificuldades, não perdem o passo da coreografia e muito menos a paixão pelo ritmo da juventude. O curta está na íntegra no YouTube.



# [ECONOMIA VERDE]

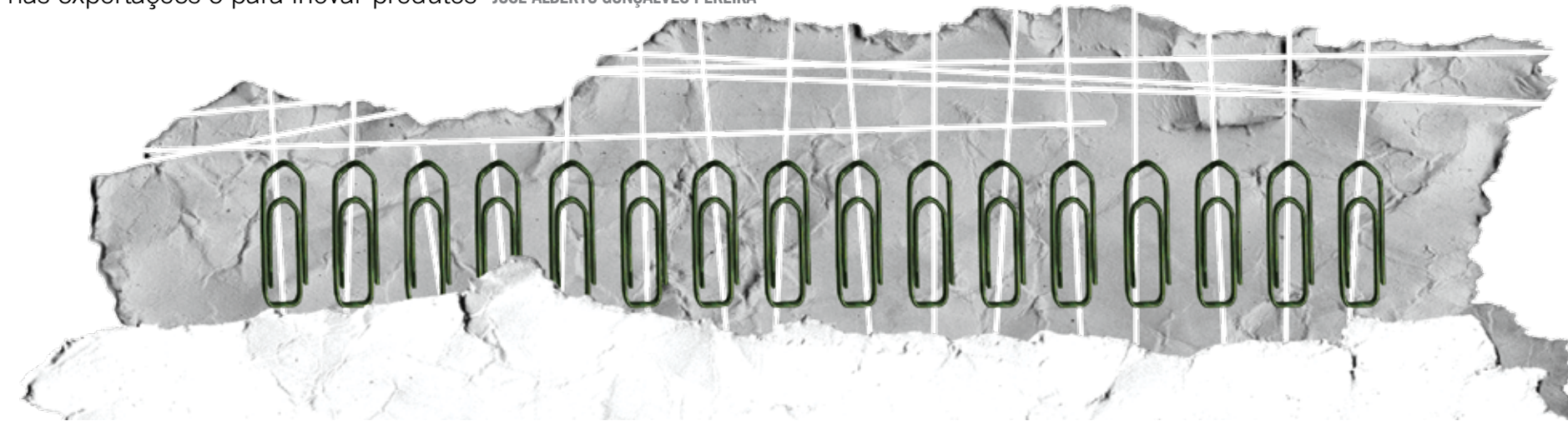
## No rastro do carbono

Enquanto aguardam um selo global, empresas usam pegada para ganhar lugar nas exportações e para inovar produtos

JOSÉ ALBERTO GONÇALVES PEREIRA

As emissões de gás carbônico na linha de produção do papel Report, da Suzano, alcançam 2,2 quilos de CO<sub>2</sub> equivalente por folha. Mas, no ciclo de vida do produto – fornecimento de matérias-primas, operação industrial e logística de distribuição –, o total de emissões quadruplica. Tal cálculo, que engloba todo o ciclo, é o que se chama de pegada de carbono, utilizada na gestão interna das emissões e para conseguir certificações que aumentem a competitividade da empresa no mercado externo. “O que alcançamos com essas certificações (*relacionadas à sustentabilidade*) é muito mais um diferencial competitivo do que acréscimos nos preços de nossos produtos”, assinala Alexandre Di Ciero, gerente-executivo de sustentabilidade da Suzano.

Entre as empresas brasileiras na linha de frente da pegada de carbono, a Suzano conduz a estratégia mais ousada.



De maneira inédita na América Latina, a companhia de papel e celulose lançou, em maio, em São Paulo, as versões de quatro de seus modelos de papel – Alta Alvura, Paperfect, Report e Symetrique – com a certificação Carbon Reduction Label

(em tradução livre, Selo de Redução de Carbono). O cálculo da pegada foi efetuado pela consultoria ICF, que há mais de duas décadas responde pela elaboração do inventário de emissões dos Estados Unidos, e toma como guia a PAS 2050, metodologia

que condiciona a concessão do selo pela britânica Carbon Trust.

Até o momento, falta um padrão internacional indiscutível de certificação da pegada de carbono, como é o caso da ISO 14000, referência para a gestão ambiental. Mas a lacuna deverá ser preenchida em 2012, quando está prevista a publicação da ISO 14067, que estabelecerá critérios para medir a pegada de carbono baseados principalmente na PAS 2050, publicada em 2008 pelo BSI Standards, do Reino Unido, e na metodologia que o Instituto de Recursos Mundiais (WRI, na sigla em inglês) planeja lançar em breve.

No Brasil, a Natura desenvolveu sua própria metodologia de pegada de carbono, adaptada da PAS 2050, e a aplica desde 2010. “Passamos a usar a pegada como ferramenta interna obrigatória no desenvolvimento de novos produtos”, explica Fabien Brones, gerente científico de impacto ambiental da Natura.

Por ter adotado o cálculo da pegada, a Natura conseguiu mapear melhor suas fontes de emissão. No semestre passado, a Natura trocou o plástico petroquímico pelo plástico produzido à base de cana-de-açúcar pela Braskem no refil do sabonete cremoso Natura Erva Doce. Além disso, substituiu por sachês os refis de plástico dos hidratantes corporais Natura Tododia. Na troca, a economia de emissões de dióxido de carbono foi de 71% e 77%, respectivamente,

e, de lambuja, o sachê quase zerou a geração de resíduos, que diminuiu 97%.

Significativa redução também foi obtida pela francesa Danone ao adotar a pegada de carbono, calculada conforme a PAS 2050. Da matriz francesa, a subsidiária brasileira trouxe em 2006 a tecnologia “Foam” (espuma, em inglês), que diminuiu em 19% o peso das bandejas de plástico (marcas Activia, Danone e Danoninho). O resultado nas emissões foi espetacular: 18 mil toneladas de CO<sub>2</sub> foram poupadas em 2010. Medida desde 2008, a pegada engloba produtos que representam 45% do volume de vendas, revela Lucas Urbano, gerente de sustentabilidade. “Pretendemos atingir 100% das vendas até 2012 e, depois, buscar a certificação”, diz, lembrando da meta global da Danone de cortar em 30% a pegada de carbono de seus produtos.

“Há uma tendência crescente de grandes varejistas, como Tesco e Walmart, cobrarem a pegada de carbono de seus fornecedores”, observa o indiano Sujeesh Krishnan, presidente da Carbon Trust para as Américas. Sem revelar quem é o cliente, Krishnan diz que mais uma companhia brasileira receberá o selo da Carbon Trust este ano e há negociações com outras cinco. O selo da consultoria britânica foi lançado em 2007 e já está presente em mais de 90 marcas e 5 mil produtos, especialmente na Europa e nos EUA.

### CURTAS KAETÉ

Até agosto, começa a operar o fundo da Kaeté Investimentos, que terá pouco mais de R\$ 100 milhões para comprar participações em empresas sustentáveis na Amazônia. A gestora foi escolhida em chamada pública do BNDES, que aportará R\$ 80 milhões no fundo.

### PITANGA

Também está previsto para o próximo semestre o início de atividade do Fundo Pitanga, que terá R\$ 100 milhões para negócios inovadores. Ele funcionará como um típico fundo de capital de risco, sob a batuta do biólogo Fernando Reinach, que dirigiu a Votorantim Novos Negócios até o ano passado.

### PATENTES BOMBANDO

O Escritório de Patentes e Marcas dos Estados Unidos concedeu 1.881 patentes para energias limpas em 2010, ou 170% mais que em 2009, segundo o Cleantech Group (cepgi.com). Mas a concentração continua: 89% foram concedidas a empresas de países ricos.

### TEEB PAULISTA

Aproveitando a passagem do indiano Pavan Sukhdev pela capital, a Secretaria do Meio Ambiente firmou no final de maio protocolo de cooperação com a Conservação Internacional para desenvolver o Teeb do Estado de São Paulo. Teeb é a sigla em inglês para Estudo da Economia de Ecossistemas e Biodiversidade, publicado no ano passado pelo Pnuma sob coordenação de Sukhdev.

### BANCO VERDE

O vice-primeiro-ministro britânico, Nick Clegg, anunciou em 23 de maio detalhes do Banco de Investimento Verde, que iniciará operação de 2012. Logo na largada, o banco receberá aporte inicial de 3 bilhões de libras do Tesouro britânico para repassar a projetos de usinas eólicas, eficiência energética e lixo.

### VIDA MELHOR

A Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) lançou no final de maio o Índice da Vida Melhor, que inclui meio ambiente, saúde, equilíbrio entre trabalho e vida e governança, além dos itens mais convencionais usados no cálculo do PIB (oecdbetterlifeindex.org). (JAPG)

## Países europeus arrecadam menos com impostos verdes

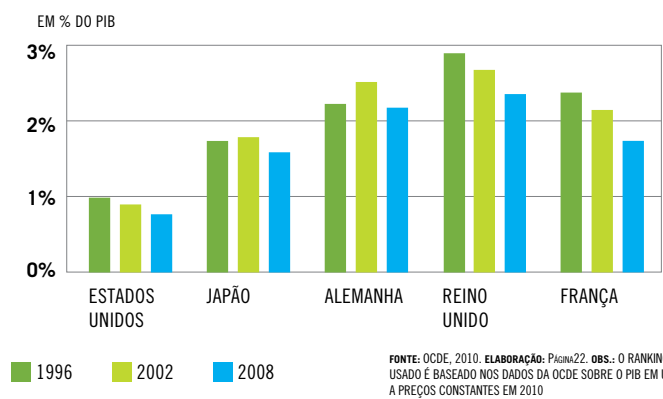
GISELE NEULS

Os impostos verdes arrecadam o equivalente a cerca de 2% do PIB dos 34 países-membros da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). Segundo estudo publicado em

2010 pela entidade, os impostos estimulam a pesquisa e o desenvolvimento de inovações para, por exemplo, reduzir a emissão de poluentes e o desperdício de água. Mas a arrecadação está em queda e é difícil medir a eficácia desses tributos. Fatores como mudanças nos impostos, desaceleração econômica e inflação interferem na receita. Além disso, no período estudado, de 1996 a 2008, ao contrair a demanda, a alta dos preços do petróleo contribuiu para o decréscimo das receitas verdes.

Mais de dois terços dos impostos verdes incidem sobre energia, combustíveis e transportes automotores. Entre os integrantes da OCDE, os europeus têm as mais volumosas receitas tributárias verdes em relação ao PIB. Os quatro membros das Américas – Estados Unidos, Canadá, México e Chile – apresentam arrecadação verde relativa mais baixa. A Dinamarca possui a receita fiscal verde mais alta em relação ao PIB na OCDE. O estudo *Taxation, Innovation and the Environment* (somente em inglês) pode ser acessado no link [bit.ly/kiwi8V](http://bit.ly/kiwi8V).

### TRIBUTAÇÃO AMBIENTAL NOS CINCO PAÍSES MAIS RICOS DA OCDE



**Problema adubado** Com o salto na produção de commodities no Brasil, o aumento no consumo de fertilizantes gera mais desafios ambientais no campo **GUSTAVO FALEIROS**

O consumo de fertilizantes químicos continua a crescer e, em tempos de aquecimento global, isso não é uma boa notícia. Desde a **Revolução Verde, nos anos 50**, o consumo desses insumos é um componente central da economia de qualquer país com vocação agrícola. Não é à toa que, em 60 anos, o uso de adubos em todo o mundo mais do que decuplicou, passando de 14 milhões de toneladas em 1950 para 163 milhões de toneladas em 2010. [1]

Mas essa elevação do consumo, embora represente ganhos de produtividade agrícola, foi acompanhada por uma série de problemas ambientais. O fósforo, por exemplo, quando carregado pelas chuvas, aumenta quantidade de matéria orgânica em rios e mares e causa a proliferação de algas, a chamada eutrofização. Adubos nitrogenados podem contaminar lençóis freáticos ou ainda contribuir para danificar a camada de ozônio, além de agravar o efeito estufa.

Os fertilizantes nitrogenados, quando aplicados ao solo desprendem nitrogênio na atmosfera. O gás, combinado ao oxigênio origina o óxido nitroso (N<sub>2</sub>O) – um dos principais gases de efeito estufa, com potencial de retenção do calor na atmosfera 298 vezes superior ao do CO<sub>2</sub>.

Hoje, as emissões globais do setor agropecuário representam 13,5% em termos de CO<sub>2</sub> equivalente [2].



**Momento a partir do qual o uso de tecnologia permitiu o aumento exponencial da produção de alimentos**

Cerca de 45% deste total deve-se às emissões de N<sub>2</sub>O [3]. No Brasil, embora os nutrientes mais consumidos sejam o potássio e o fósforo, que podem ser considerados menos nocivos, o uso de adubos nitrogenados tem aumentado. De acordo com a Associação Nacional para Difusão de Adubos (Anda), o consumo de fertilizantes à base de nitrogênio cresceu 15% no primeiro trimestre deste ano em comparação com o mesmo período de 2010.

De acordo com o diretor executivo da Anda David Roquetti, o salto no consumo deve-se à expansão das lavouras de cana, milho e café no Brasil, culturas que, ao contrário da soja, do feijão, do amendoim e algumas variedades de pastagens, dependem de mais de aplicações de nitrogênio.

Esse aumento contraria as diretrizes da Política Nacional de Mudanças Climáticas, que prevê a redução de nitrogênio na lavoura como uma das principais ações para a mitigação das emissões de gases estufa. De acordo com o último inventário do Ministério da Ciência e Tecnologia, lançado no fim do ano passado com base nos dados de 2005, as emissões de óxido nitroso cresceram 43% desde 1994.

Esse cenário não deve mudar a curto prazo, avalia Roquetti, pois as alternativas para a substituição aos fertilizantes convencionais ainda não estão disponíveis em larga escala. Uma saída já adotada no Brasil, principalmente na cultura da soja, é o emprego da fixação biológica de nitrogênio. A técnica, que foi desenvolvida pela Embrapa, consiste, em termos simplificados, na inoculação de bactérias que vivem nas raízes das leguminosas e garantem a absorção de nitrogênio que está na atmosfera pelas plantas, em um processo de simbiose.

Roquetti observa, entretanto, que, enquanto novas tecnologias para a absorção do nutriente não ganham escala, a melhor política para evitar danos ambientais é a eficiência na aplicação dos adubos. “Tudo se resume à sigla BPUEF – Boas Práticas para a Utilização Eficiente de Fertilizantes”, diz o executivo.

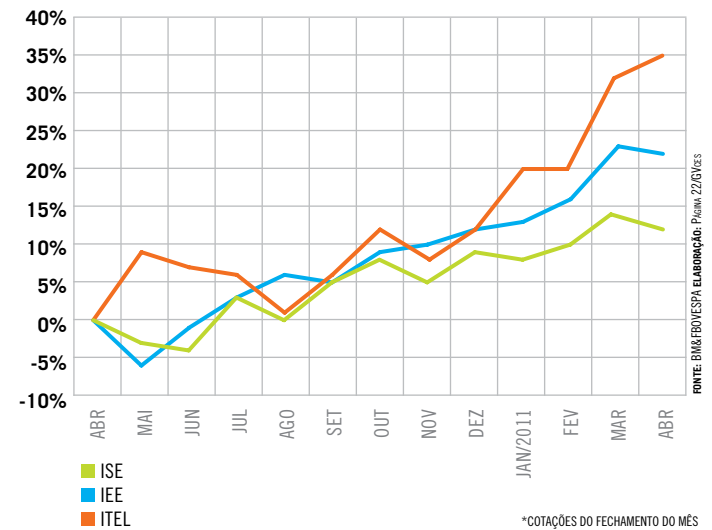
A projeção da Anda é de que 2011 seja o ano de maior volume de vendas na história do setor: 26 milhões de toneladas, de acordo com medições feitas desde 1992. Da mesma forma, o faturamento deve continuar crescendo. Em 2010, os ganhos chegaram a R\$ 11,2 bilhões, ante os R\$ 9,7 bilhões do ano anterior.

## Energia e teles puxam ISE

Afinal, que fatores explicam os 14 pontos percentuais que o Índice de Sustentabilidade Empresarial (ISE) abriu sobre o Ibovespa quando os dois índices da B&MFBovespa têm desempenho comparado na variação em 12 meses? Para analistas do HSBC e do Santander, seria precipitado atribuir a alta especialmente a um suposto maior apetite dos investidores por ativos com menor risco socioambiental no contexto pós-crise financeira de 2008. Entre maio de 2010 e abril último, o ISE oscilou 11,85%, ao passo que o Ibovespa caiu 2,07%.

Para Cinthia Gaban, analista de sustentabilidade do HSBC, a principal razão do bom desempenho do ISE é a procura dos investidores por papéis que oferecem maior segurança ao investidor. É o caso dos setores de energia e telefonia, que representam quase um quarto do ISE, observa Eduardo Carlier, superintendente de renda variável do Santander. A longo prazo, as perspectivas para o ISE são promissoras, avalia Carlier: “Ações de empresas mais sustentáveis e com boa governança tendem a ter menor volatilidade na Bolsa”. No gráfico, é possível verificar a evolução do ISE, do Índice de Energia Elétrica (IEE) e do Índice Setorial de Telecomunicações (Itel). **(JAGP)**

**EVOLUÇÃO % EM 12 MESES\***  
(ABRIL 2010 = 100)



### ENTREVISTA Marcelo Battisti

## NA BERLINDA, A TRANSPARÊNCIA DOS BANCOS

Lançados em 2003 e baseados nos padrões da Corporação Financeira Internacional (IFC, na sigla em inglês, braço do setor privado no Banco Mundial), os Princípios do Equador (PE) são a principal referência internacional de análise de risco ambiental na modalidade “financiamento de projetos” – geralmente utilizada em obras de infraestrutura. O Itaú BBA é um dos 72 signatários da declaração e hoje tem assento no comitê diretivo dos PE, que passam por uma revisão. Gerente de risco socioambiental do Itaú BBA, Marcelo Battisti falou à PÁGINA22 sobre a reformulação, que deve ser concluída até o fim deste ano. Battisti presidiu o comitê dos PE entre 2006 e 2008.

**O que mudou na análise de risco de financiamento de projetos com a adoção dos PE?** Há dez anos você teria dificuldade em achar alguém da área de risco de uma instituição financeira para conversar sobre risco socioambiental. Mesmo em âmbito global, as instituições não tinham incorporado no seu processo de avaliação a análise detalhada de questões sociais e ambientais. O Banco Mundial, através do IFC, foi um dos primeiros a trabalhar isso no final da década

de 1990, dando treinamento aos bancos comerciais, mas ainda não havia uma estrutura reconhecida como padrão para análise dessas questões. A partir dessa interação com o IFC, os bancos comerciais assumem a responsabilidade sobre a análise de risco socioambiental, e os PE consolidam isso.

**Como as mudanças climáticas devem entrar na revisão?** Essa é uma questão muito complexa. Ainda não há padrões mínimos internacionais sobre teto de emissões, por exemplo. Apesar de existir consenso sobre a necessidade de reduzir emissões, precisamos atingir um resultado global com diferentes níveis de emissões regionais. Esse elemento regional é preponderante, pois a tecnologia que eu consigo aplicar na Europa e nos Estados Unidos é mais restritiva do que a que eu consigo aplicar no Brasil; que por sua vez é mais restritiva do que a que consigo aplicar na Bolívia. Existe uma discussão forte na Associação (dos Princípios do Equador, que reúne os bancos signatários da declaração) para tentar chegar a um consenso sobre qual é a melhor forma de lidar com mudanças climáticas. A minha posição é que é preciso

tomar como padrão um acordo global para saber como implementá-lo. Esse conjunto de regras deve estar ligado a discussões globais, e o pós-Kyoto ainda está em discussão.

**Um dos pontos indicados no anúncio da revisão é a transparência. Como isso está sendo tratado?** Existe o compromisso de aumentar a transparência e a obrigação de respeitar a confidencialidade dos clientes. A discussão tem evoluído bastante e existem boas perspectivas de chegar a uma solução que consiga ampliar a transparência de alguns aspectos, como a facilidade de acesso a informações. No Brasil, os estudos de impacto ambiental são documentos públicos, então podemos facilitar o acesso a essas informações. Mas essa estrutura de legislação e órgãos ambientais não existe em todos os países, nesse caso pode haver um esforço maior dos bancos para tornar público o que é possível. É um esforço dos bancos de tornar o processo mais transparente, mas não se negocia o cumprimento de obrigações regulatórias e fiduciárias (relacionadas a garantias oferecidas ao banco no contrato de financiamento).

– GISELE NEULS

[1] Dados compilados pelo Earth Policy Institute. Acesse em [earth-policy.org/data\\_center/C24](http://earth-policy.org/data_center/C24) [2] IPCC, *Quarto Relatório*, 2007. Disponível em [ipcc.ch](http://ipcc.ch) [3] *Working Paper – Greenhouse Gas Emissions 2005*, World Resources Institute 2009. Disponível em [bit.ly/hBrVnV](http://bit.ly/hBrVnV)

**ERRATA:** Diferentemente do publicado em “À procura de vocações”, na edição anterior, a Floresta Amazônica é a maior floresta tropical do mundo, com cerca de 6 milhões de km<sup>2</sup>. Segundo a Conservação Internacional, a maior formação florestal do planeta é a Floresta Boreal, com cerca de 12 milhões de km<sup>2</sup>. Em Curtas, algumas notas foram publicadas fora de ordem. Veja a ordem correta na versão digital.





# Viagem em massa

POR AMÁLIA SAFATLE # FOTO ANTONIO BRASILIANO

O que a maior operadora de viagens da América Latina tem a dizer sobre sustentabilidade? Como o turismo, de forma geral, poderia ser usado como instrumento de conservação ambiental e cultural? Nesta entrevista, o fundador da CVC, Guilherme Paulus, que trabalha com o setor há 38 anos, nega que a atividade traga impactos negativos a uma região, defende que o “progresso tem que vir forte”, e acredita que cabe aos governos a tarefa de proteger os lugares.

Paulus aponta as razões pelas quais o turismo associado à natureza não decolou: falta conforto ao turista. “O pobre gosta de luxo e riqueza. Ninguém gosta de coisa ruim. Ele quer curtir a natureza, mas não com borra-chudo”, diz. Assim, a seu ver, visitar um zoológico é uma alternativa a conhecer as regiões naturais do Brasil.

Empresa pioneira na disseminação do turismo para a classe média, a CVC, segundo Paulus, não vê riscos na falta de infraestrutura que ameaça o setor no Brasil, a começar da precariedade aeroportuária. Ele acredita que o aumento da demanda, turbinado pela crescente emergência social, será tranquilamente atendido.

O empresário evitou falar sobre os prejuízos que a concentração de mercado pode causar ao setor como um todo. A CVC, segundo ele, tem em torno de 60% do mercado. Mas “os ‘maldosos’ falam em 80%”. Com a abertura de capital da empresa, prevista para o segundo semestre deste ano ou para o ano que vem, as informações sobre a companhia deverão ficar mais precisas.

**O Brasil, apesar do imenso território, belezas naturais e riqueza histórica, ainda explora muito pouco o turismo, em comparação com outros países. Há cidades, como Orlando, que recebem mais turistas que o País inteiro. Em sua avaliação, quais são as razões desse descompasso?**

Todos nós sabemos da importância das belezas naturais do País, o sol, o mar, sem contar a diversidade que você vai encontrar na Amazônia e na região Centro-Oeste. Isso tem de ser aproveitado, mas também muito melhorado. Temos uma questão que é infraestrutura, não só de aeroportos, mas os pontos de atração turística precisam ser bem trabalhados. Como o Brasil ganhou (*a oportunidade de sediar*) os Jogos Olímpicos e a Copa do Mundo, tornou-se a grande vitrine para o mundo. Temos que aproveitar essa oportunidade única. Mas a gente acha que é fácil. Orlando é um destino único, voltada totalmente para o turismo.

Aqui não temos nenhuma cidade totalmente voltada para o turismo. Temos Gramado, que faz o Natal Luz e leva 2,5 milhões de turistas entre o final de outubro e início de janeiro, é um evento fortíssimo. São 90 dias de evento, com desfile de carros alegóricos, em que a cidade fica toda enfeitada e voltada para o clima natalino. Eles criaram lá a semana do colono, em abril. Este ano teve o Chocofest, na época da Páscoa, teve (*cobertura da*) Rede Globo na sexta-feira, no sábado e no domingo, com o *Fantástico*. São Paulo é a décima cidade do mundo em recebimento de eventos. No ano passado, em 2010, nós tivemos 90 mil eventos na cidade. Isso, dividido pelos 365 dias do ano, dá um evento a cada 6 minutos. Então, hoje o Brasil vem se desenvolvendo. É claro que queremos aumentar de 5 milhões para 10 milhões de turistas/ano. Mas temos uma dificuldade muito grande, que é o idioma. Somos o único país da América Latina que fala o português e, na Europa, Portugal,

Fundador e presidente do conselho de administração da CVC, membro do Conselho Nacional de Turismo e presidente do conselho da GJP Participações, que controla a Webjet e a GJP Hotéis & Resorts



com 10 milhões de pessoas. E tem algumas coisas da África lá que falam nosso idioma.

**Mas o Egito, por exemplo, também fala outro idioma e é um país que recebe um monte de turistas.**

O inglês e o espanhol no mundo todo é facinho. A grande dificuldade nossa é o idioma. O segundo fator são os voos para o Brasil. São muito poucos, a Alitalia voa uma vez por dia para cá. A Air France, uma ou duas vezes. Tem também a distância. Com mais de 10 horas de viagem, muitas pessoas deixam de voar. Precisamos ter mais acordos, a Embratur tem que trabalhar mais com as empresas *charter* (voos fretados), tanto europeias como americanas, para aumentar o fluxo de turistas.

**Então o senhor citou a infraestrutura, o idioma, os poucos voos para o Brasil e as grandes distâncias como os principais fatores.**

Isso. Sempre digo assim: o que temos que fazer para o País melhorar? É melhorar nosso destino turístico para o brasileiro viajar mais internamente. Só assim que o destino se fortalece. Quem mais visita a Disney são os americanos.

**O brasileiro acha caro viajar internamente, em comparação com o destino internacional? Muita gente faz a conta e vê que é mais barato viajar para os Estados Unidos do que para a Amazônia, não é?**

Humm, não. Não é verdade. Hoje você tem as tarifas promocionais, tem os *charter* com a CVC com preços espetaculares. Você passa uma semana em Porto Seguro por menos de R\$ 600, ou US\$ 375.

**Isso se ele fizer um pacote com vocês. Mas a passagem aérea no Brasil é muito cara, não?**

Com as tarifas promocionais que se tem, Azul, Webjet, a própria TAM, a Gol, não. Ainda mais quando se compra de madrugada. Quem quiser viajar barato no Brasil consegue. O pacote mais barato para a Disney está na faixa de US\$ 1.500 a semana. Para a Europa, Paris, US\$ 1.200.

**Em relação às questões de infraestrutura que o senhor levantou, como o setor privado, que trabalha com turismo, pode ajudar a encontrar soluções para melhorar a situação?**

A infraestrutura não depende de nós, do setor privado, depende do governo.

**Sim, é claro, mas ninguém faz nada sozinho, é preciso ter um trabalho conjunto, eu imagino.**

É, nas rodovias nós ganhamos bastante. As rodovias brasileiras melhoraram muito em relação ao que tínhamos oito anos atrás. Isso foi feito com base na privatização. Acredito muito na privatização que vai existir nos aeroportos e infraestrutura geral do País. Claro que isso deve vir com o tempo. O Brasil tem problemas, mas pega como exemplo São Paulo: tivemos um evento no final do ano como a Fórmula 1, que tinha mais de 70 mil pessoas e turistas de vários países do mundo. Tivemos, nesse mesmo dia, o Salão do Automóvel, com 15 mil, e teve jogo do Morumbi ou no Pacaembu, não lembro

agora, com 20 mil pessoas no estádio. E São Paulo não parou por causa disso. Os aeroportos funcionaram normalmente, o trânsito funcionou normalmente. Então, para tudo o que é preparado, não tem problema nenhum. Não podemos é deixar para contar com a sorte. “Ah, Deus vai ajudar, Deus é brasileiro e vai correr tudo bem.” Até o estádio do Corinthians está saindo a toque de caixa, hoje (18 de maio) ia sair uma resolução de que vão fazer o estádio, que o estádio vai ficar pronto em tempo recorde.

**Até agora nada foi feito...**

É que o Corinthians perdeu (o *Campeonato Paulista*), então precisavam dar uma boa notícia, né? (risos) Agora, o Brasil tem que trabalhar os países vizinhos. Por que Paris é a Cidade Luz? Por que Roma é a Cidade Eterna? Porque isso é trabalhado e um país é pertinho do outro. O que precisamos fazer é trabalhar nossos países vizinhos – o Chile, a Argentina, a Bolívia, o Paraguai, a Venezuela, a Colômbia – para que eles venham conhecer nossas belezas naturais. O colombiano viaja para Miami, para a Europa, por que não para o Brasil? Porque ninguém ofereceu isso a ele. Por isso vamos fazer esse trabalho, em vez de vender só para o europeu, que enfrenta uma distância enorme para vir para cá.

**E a política para o turismo no Brasil? Existe uma política de fato? Como o senhor a avalia?**

Nós ganhamos um ministério do Turismo há oito anos. Antes, ele era dividido com o Ministério do Esporte. O Caio (Luiz) de Carvalho, que é até professor aí na FGV, foi um dos primeiros ministros, só que ele dividia com Esporte. E Esporte é mais forte que Turismo, então ele não pôde fazer muita coisa. Assim mesmo fez muitas coisas. Hoje, temos um ministério com políticas já determinadas. O ministério cuida das ações internas, e a Embratur, das políticas de divulgação do Brasil no exterior. Está bem definido. Ganhamos essa posição que já tem destaque na economia brasileira: o turismo como somador de divisas, de entrada de dinheiro. Cinco milhões de turistas estrangeiros parecem muito pouco, mas movimentam um bom volume de dólares. Poderia entrar mais ainda, e para isso temos que tentar resolver também o problema do visto de entrada do americano, do mexicano, de japonês no Brasil.

**O Ministério do Turismo, até por ser recente, parece ser uma das pastas que têm menos força politicamente dentro do governo, como se fosse um ministério “menor”. O senhor partilha dessa opinião?**

Depende de quem está como ministro. O Walfrido (Mares Guia) foi um grande ministro, tivemos o Caio, tivemos a Marta Suplicy como política excepcional, e agora o Pedro Novais, que é um político, é... de menor expressão que a Marta, mas...

**...mas envolvido naquele episódio de desvio de dinheiro público. (Novais apresentou nota fiscal de R\$2.156, referente a despesas em motel, para justificar o uso de verbas destinadas à atividade parlamentar, enquanto era deputado pelo PMDB-MA, e já indicado para a pasta do Turismo no governo Dilma)**

Falaram, mas nunca provam, né? Param na metade do caminho. Eu não vou entrar em detalhes, também porque não sei. Quando

se trabalha com turismo, motel faz parte, né? (risos) Como meio de hospedagem. (risos)

**Quer dizer que a força do ministério depende do ministro que está lá?**

Claro! É muito importante a atuação dele. E o ministro Pedro vem fazendo um trabalho muito bom. É muito esforçado, não conhecia nada, né? O grande problema no Brasil são as pessoas escaladas para resolver boa parte de questões do seu partido político. E acaba pecando, porque quatro anos é muito pouco. Quando vai começar a aprender e entender, é trocado por outro ministro. Mas a política brasileira é assim, nós temos que aprender a conviver com ela. O primeiro ano é de estudos, o segundo ano é de planejamento, para uma atuação forte no terceiro, e o quarto é fim de mandato. Não se dá continuidade.

**Isso não prova que falta uma política de longo prazo, que supere esse problema da alternância de ministros e partidos políticos?**

O Ministério do Turismo tem o Conselho Nacional do Turismo, do qual sou membro desde a primeira gestão do Lula. Então temos uma política traçada e desenvolvida e um plano desenhado até 2014. Todo ministro que entra tem que seguir essa cartilha do que foi desenhado. Mas, até o ministro se posicionar, se colocar, aprender, demora um ano.

**Em determinados lugares, o turismo corre o risco de ser prejudicado pela preponderância de outras atividades econômicas. No Sul da Bahia, tem um caso claro, em que a atividade turística pode perder muito, caso seja aprovada a construção de porto e ferrovia, com o turismo perdendo espaço para a mineração. Isso denota uma falta de diretriz, de coordenação nacional sobre o desenvolvimento e as vocações naturais das diversas regiões do País?**

Eu tenho uma opinião muito particular. Acho que o progresso tem que vir forte.

O progresso tem que vir forte. Os meios de proteção ambiental não vão deixar degenerar o produto turístico.

**O que é o progresso para o senhor?**

O progresso não vai atrapalhar. Hoje você tem os meios de proteção ambientais, que são muito fortes em nosso País, que não vão deixar degenerar nenhum produto turístico. Esses boatos que correm com o Sul da Bahia, com o próprio Belo Monte (sic) na Amazônia... isso vai ser preservado e não podemos deixar atravancar o progresso no País. A própria usina (nuclear) de Angra não atrapalha em nada o turismo em Angra dos Reis.

**Então o senhor não vê nenhum conflito?**

Não, não, não. O progresso desenvolve a cidade.

**Não acha que existe risco de deteriorar, de mudar as características do local e indicar para as pessoas que a renda vem de outros setores que não o turístico?**

Não, isso não acontece. Nunca deixaram isso acontecer.

**Como assim? Quem nunca deixou?**

Nenhum órgão ambientalista. Em (Fernando de) Noronha há um cuidado extremo, um número limitado de turistas que visitam a ilha. (mais sobre Noronha à pág. 43) Os paraísos ecológicos no Brasil são muito bem cuidados. Abrolhos é um grande exemplo. O Sul da Bahia é fantástico, nunca aconteceu nada lá e nunca vai acontecer.

**Mesmo que vá prá lá uma ferrovia, um porto?**

Não vai atingir aquela região diretamente. Não vai passar na beira-mar a ferrovia, né? E tirar licença ambiental é a coisa mais difícil no Brasil.

**Quando o governo quer que uma obra saia, em geral ela sai.**

Sai. Mas não degrada em nada. Desculpe, eu trabalho com turismo há 38 anos. Qual cidade que teve esse tipo de problema?

**No Pantanal tem até projetos para fazer hidrelétrica, o que alteraria a vazão de águas e prejudicaria bastante a região, sob vários aspectos. (há 62 usinas previstas para os próximos nove anos na região)**

Mas veja que isso não foi feito.

**...ainda. Que vantagens econômicas, sociais e ambientais o turismo pode trazer em comparação a outras atividades econômicas? Como o turismo pode ser interessante, econômica, social e ambientalmente?**

Tudo o que explora o turismo e não explora o turista é bastante viável. Quando se explora o turista, perde-se o potencial de gerar riquezas para a região. Porque o turismo gera um retorno muito rápido. Quando se constrói um hotel, além gerar empregos na construção civil, você gira toda uma cadeia, material de construção, carpete, piso, depois tem o serviço de mão de obra, camareira, gerente, ônibus, tudo isso gera dinheiro na cidade.

**Isso são as vantagens econômicas. E as ambientais e sociais?**

Olha, isso aí depende... a ambiental, como falei, já é muito bem cuidada no País. Se você tirar uma árvore centenária de um local, e repuser em dobro ou triplo, dependendo da lei que tenha a cidade, você continua preservando e aumentando mais ainda,



entendeu? Hoje é muito negociável, não se faz como antigamente, que derrubava a árvore e pronto.

**Certo. O senhor diz que não gera prejuízo ambiental. Mas o turismo gera benefícios de conservação, que vão além da compensação?**

Claro! Gera empregos, né?

**Isso é um benefício econômico. Digo um benefício de conservação ambiental mesmo. O turismo traz isso?**

Traz! Quando você tira daqui e leva pra lá, está melhorando a outra área. É uma troca.

**Considerando que entre os destinos de maior visitação estão – me corrija se eu estiver errada – a Amazônia, as praias do Nordeste, o Pantanal (segundo a Wikipedia), podemos dizer que a natureza é o maior apelo para o turismo no Brasil? Se sim, como o turismo pode contribuir para conservar essa natureza?**

A natureza é um apelo, desde que você dê conforto ao turista. Por que o turismo ecológico não foi pra frente no Brasil? Por que não decolou? Por causa da infraestrutura do turismo ecológico. Foi muito malfeito no começo. Você vai num pântano ver jacaré. Acha que é tudo bonitinho, perfumado, como vê na Rede Globo? Ou como vê naquela novela *Pantanal*? Não. O voo do tuiuiú não é lindo? Você vê na televisão, é lindo. Se você for ver pessoalmente lá, é bonito, um espetáculo, mas vai ter que pisar no barro, no chão.

**E o turista não quer isso também? Viver essa experiência? Isso não faz parte? (mais em reportagem à pág. 40)**

Nada... o Joãozinho Trinta foi muito feliz quando disse que quem gosta de pobreza é rico. O pobre gosta de luxo e riqueza. Ninguém gosta de coisa ruim. Ele quer curtir a natureza, mas com conforto, não com borrachudo.

Você pode ir no zoo fotografar o jacaré. Em Gramado tem um que é maravilha. Tá no meio do mato, mas com conforto

**Certo... e como faz para tirar o borrachudo do lugar? Como faz para o turista ir em determinado lugar e não viver aquela realidade?**

Você pode pôr uma rede para que as muriçocas não te ataquem. Você pode fazer uma visitação em um zoo, onde tem os jacarés, e é bonitinho, você pode fotografar o jacaré etc. etc., sem agredir a natureza. Tem um zoo em Gramado (RS) que é maravilha, é um espelho fantástico daquilo lá. Tá no meio do mato, mas com o maior conforto! (*mais sobre conforto e turismo de resultado na coluna “Um jacaré e duas preguiças pra viagem por favor”, na edição 46*)

**O senhor não acha que há interesse em ver esses animais em seu próprio habitat natural?**

No zoo, eles reproduzem direitinho o habitat deles.

**Então por que a Amazônia e o Pantanal são tão procurados?**

Por quem?

**Pelo turista em geral... brasileiros, estrangeiros.**

Na CVC, isso não se reflete.

**Quais são os destinos mais procurados, então?**

Destinos ecológicos?

**Não, os destinos mais procurados pelo turista em geral.**

Porto Seguro, Fortaleza, Natal, Maceió, Porto de Galinhas, Rio de Janeiro, Gramado, Belo Horizonte e Cidades Históricas...

**Esses primeiros destinos que o senhor citou são basicamente as praias do Nordeste.**

É do que eles mais gostam.

**E o que atrai o turista para a praia? Antes de tudo, não é a natureza, a paisagem, o mar, todo aquele ambiente?**

Não é unicamente a natureza. O passageiro gosta de um hotel pé na areia e ser atendido por um garçom na praia. Isso não é só na CVC, é mundial. O alemão vai para Palma de Mallorca em busca de sol e mar, e não da natureza do mar. Ele quer uma mordomia, um conforto.

**Como a CVC está vendo a ascensão da nova classe média no Brasil? Como está trabalhando para atender esse mercado, que oportunidades está visualizando?**

Fomos pioneiros em trabalhar com a classe média já na década de 70. Foi quando houve o boom da indústria automobilística. Quando se fala hoje em “nova classe média”, a gente tinha descoberto isso há mais de 30 anos. Sempre trabalhamos com o varejo, diretamente com o trabalhador, com os grêmios de empresas, educando o trabalhador para o turismo de um dia, de fim de semana, de feriado prolongado e das próprias férias.

**Mas como vocês estão se preparando para daqui pra frente, pois me parece que agora tem uma nova emergência social acontecendo, certo?**

Com voos *charter*, com preços e programas bastante convida-

tivos. O turista quer encontrar uma cama arrumadinha, limpinha, telefone no apartamento, ar condicionado. Tem que ser melhor do que ele tem em casa, sempre.

**O.k., mas vocês têm alguma projeção, números de quanto esse mercado vai crescer?**

Você tem 30 milhões de novos consumidores das classes C e D que estão entrando nesse mercado. E você vai conquistá-los com a qualidade de seu serviço, sempre.

**O senhor tinha citado no começo da entrevista a questão da infraestrutura. Não estamos vendo ainda um aumento forte de investimentos, a começar do setor aeroportuário. Como isso pode afetar seus negócios?**

Eu acredito que essa demanda será atendida, sim. Tranquilamente.

**Mas, como o senhor disse, não tem o tal “Deus é brasileiro e vai resolver”. Quem está trabalhando para isso acontecer?**

A expectativa que a gente tem com a melhora dessas infraestruturas realmente é fazer um trabalho que coloque o governo juntamente conosco para que a estrutura vá melhorando à medida que os problemas vão acontecendo. Veja o Rio de Janeiro. O Rio tinha um grande problema que era a ocupação de seus hotéis. Hoje, a rede hoteleira está com 85% de aproveitamento. Por que isso aconteceu? Porque melhorou um pouco da infraestrutura, reduziu-se a criminalidade, aquilo que apareceu no Morro do Alemão, as UPPs (*Unidades de Polícia Pacificadora*), os testes de bafômetro. Quando a pessoa sente que tem mais segurança e melhora de infraestrutura, ela viaja mais.

**Minha dúvida é se justamente esse aumento da demanda pode resultar em problemas de gargalo, uma vez que não há planejamento. O exemplo do Rio mostra que a demanda já cresce muito com pequenas melhoras. Imagine com a emergência de milhões de pessoas das classes C e D?**

Esses gargalos vão sendo resolvidos à medida que se vão construindo mais hotéis. O Hotel Glória, que o Eike (*Batista*) comprou, está fazendo uma bela reforma. O Hotel Nacional do Rio foi comprado e será reaberto em breve. Nós mesmos estamos construindo um hotel no Galeão, são 200 apartamentos. Tem uma série de coisas acontecendo no Rio que vão desenvolvendo a cidade, ela vai crescendo de novo.

**Quando a gente tem um grande aumento de turistas, cresce muito a pressão ambiental nesses lugares, além da emissão de carbono. Como ordenar esse crescimento de forma mais sustentável, com menor pegada ecológica? Como se traz um pouco de sustentabilidade para o turismo de massa?**

É um trabalho que precisa ser desenvolvido pelas autoridades, pelas prefeituras locais, pelo governo dos estados. Nós, empresários, podemos ter essa preocupação, é claro, nós levamos o turista para a cidade, mas cabe à cidade se preparar para isso. Os hotéis hoje são bem mais preparados. Só um minutinho, por favor (*consulta informações*). Hoje os hotéis já estão usando técnicas como captação

de águas pluviais para irrigar jardins e descargas de banheiro; painéis de aquecimento solar que reduzem o consumo de energia elétrica; cobertura verde, que reduz a carga térmica e o uso de ar condicionado; vidros duplos que dão conforto termoacústico e redução no consumo de energia; geração de resíduos nos canteiros (*de obra*); uso de material local, com redução de CO<sub>2</sub> no transporte de insulmos; e recomposição da vegetação nativa. Os próprios ônibus que a Marcopolo produz já são totalmente diferenciados, com redução na queima de combustível.

**A CVC é a líder absoluta em turismo no Brasil, certo?**

Na América Latina também. Estamos entre as dez maiores operadoras do mundo.

**No Brasil ela praticamente não tem um concorrente à altura, tem?**

Tem. O que se aluga de casa de temporada por aí... (*risos*). É nosso maior concorrente.

**Digo especificamente na área de turismo.**

Tem sim. Sempre tem alguém que rouba um pouquinho de passageiro da gente.

**Qual é a fatia de mercado da CVC?**

Gira em torno de 60%. Uns maldosos dizem que é 80%. Vamos ficar no meio? Setenta por cento.

**Mas por que “maldosos”? É porque se assume que a concentração de mercado é prejudicial ao desenvolvimento do setor?**

Não, não. Porque a CVC tem mais de 10.800 agentes de viagem que trabalham e vivem da produção dela. Somos uma grande fábrica de turismo, e distribuimos produtos para agências de viagem do Brasil inteiro.

**O fato de ser uma empresa que domina o mercado é prejudicial para o setor?**

Isso eu não posso responder, né? Nós profissionalizamos tanto o turismo que a CVC acabou sendo adquirida pelo Carlyle, que é o maior fundo de *private equity* do mundo (*o fundo americano adquiriu o controle da CVC no começo de 2010*).

**O Carlyle detém quanto do capital da CVC?**

66,4%.

**E a CVC pensa em abrir o capital?**

Sim, temos possibilidade de abrir este ano ou no ano que vem.

**Isso está em estudos ou já foi definido?**

Está em estudos (*no dia seguinte, em 19 de maio, o jornal Valor Econômico noticiou que a CVC pretende vender 25% do capital no segundo semestre, e que o Carlyle continuará como controlador, com 50% do capital*). <sup>22</sup>



# Impacto sim, mas positivo

Instrumento poderoso, o turismo tanto pode acelerar a degradação como promover a conservação. A segunda escolha é mais inteligente, até porque dela depende a sobrevivência do negócio a longo prazo

POR FLAVIO GUT FOTOS ANTONIO BRASILIANO

Com a aproximação da Copa do Mundo e das Olimpíadas, o Brasil vive uma oportunidade ainda maior para fazer do turismo uma atividade de peso na economia do País. E, ao mesmo tempo, dar corpo ao seguinte pensamento: a sobrevivência do negócio está atrelada à conservação do local – em termos ambientais, culturais, históricos – e à inserção social e econômica de quem vive da atividade turística. Em outras palavras, isso também é sustentabilidade.

O professor Bruno Malhães, mestre em Turismo Internacional pela Universidad de Las Palmas de Gran Canaria, Espanha, tem uma posição enfática: “Está claro que os interesses ecológicos têm de se sobrepor aos econômicos, porque a sobrevivência da atividade turística está diretamente relacionada à experiência que o lugar proporciona”.

Crítico do chamado turismo de massa, Malhães, que leciona no Centro Paula Souza e no Senac São Paulo, defende a atividade como experiência transformadora para quem viaja, e que só pode ser conseguida no contato direto com a natureza e a cultura de cada local. “O luxo não é a estrutura física, mas estar no lugar. Por isso é preciso conservar.” O consultor Julio Bin, que há doze anos atua no setor, mas com o turismo como agente de transformação, concorda com Malhães. “O que existe é a experiência do turista. Por isso, é preciso manter o atributo vivo. A razão para que as pessoas queiram visitar aquele local.”

Para conseguir o objetivo de conservar sua riqueza natural e cultural, no entanto, o País precisa trabalhar de forma integrada centrado na resolução de problemas estruturais próprios da cadeia turística, como a qualificação de mão de obra, e outros que não afetam apenas o turismo, como sua precária infraestrutura e a violência que afastam potenciais turistas estrangeiros e desencorajam

outros tantos brasileiros. A Lei Geral do Turismo determina que a atividade turística seja praticada de forma sustentável nas áreas naturais, promovendo a educação e a adoção de práticas compatíveis com a conservação do meio natural.

O turismo mundial movimentava US\$ 6 trilhões ao ano, cerca de 9% do PIB global, segundo dados do Relatório Anual de Impacto Econômico, do Conselho Mundial de Viagens e Turismo, e emprega 258 milhões de pessoas. A previsão para os próximos dez anos é de crescimento anual de 4,2%, informa o presidente da entidade, David Scowsill. Boa parte desse crescimento virá da entrada de outros 2 bilhões de pessoas para a classe média em países como o Brasil, Rússia, Índia, China e, agora, a África do Sul, os chamados Brics. “Isso vai exigir uma completa mudança de atitude. Os governos deverão trabalhar em conjunto com a indústria para fazer com que esse crescimento aconteça de forma sustentável”, alerta Scowsill.

De acordo com o professor Malhães, quando se fala de planejamento sustentável do turismo, é preciso levar em conta seis dimensões: a social, a econômica, a ecológica, a espacial, a cultural e a política. Por essa razão, não é fácil definir um caminho único para a sustentabilidade do setor, uma vez que os interesses de cada uma das dimensões muitas vezes são contraditórios. E, para complicar um pouco mais, existe uma mistura de conceitos muitas vezes usados erroneamente como sinônimos: turismo de aventura, ecológico, sustentável (*consulte quadro à pág. 25*).

Julio Bin lembra que a sustentabilidade deve ser permeável a todos os mais de 50 setores envolvidos na experiência turística, que vão desde a construção civil até a alimentação e serviços. “Quando se fala em sustentabilidade, temos de pensar em cada um desses setores fazendo a sua parte.”





## "O luxo não é a estrutura física, mas estar no lugar", diz professor. O que existe é a experiência do turista, daí a razão em conservar

A presidente do Conselho de Turismo e Negócios da Fecomercio São Paulo e ex-presidente da Embratur, Jeanine Pires, afirma: "A sustentabilidade ainda precisa entrar no debate do turismo brasileiro". Em sua opinião, a rentabilidade pode, perfeitamente, conviver com a conservação dos recursos naturais e a valorização da cultura, apontados pelo Fórum Econômico Mundial como o primeiro fator de competitividade do turismo brasileiro.

O problema é que, embora seja o primeiro país do mundo no quesito riqueza natural (*mais em reportagem à pág. 36*), o Brasil não consegue ser competitivo como destino turístico por problemas de infraestrutura, violência e falta de mão de obra qualificada. Consequentemente, amarga um 52º lugar na classificação geral do ranking de competitividade. "O que isso quer dizer? Que o Brasil é um país muito legal, muito bonito. Mas as pessoas não querem vir pra cá", constata o consultor Julio Bin. É por isso que o número de turistas estrangeiros que visitam o Brasil está há anos na casa dos 5

milhões. "E a metade são turistas de negócios que vêm pra São Paulo", explica.

Para o Ministério do Turismo, porém, o fato de receber poucos turistas estrangeiros é compreensível, devido às características do País, que fica distante dos principais consumidores externos e tem, em contrapartida, um grande mercado interno. "É importante ter um olhar para o turista estrangeiro, mas o fato é que o consumidor do turismo brasileiro é o Brasil", afirma Sáskia Freire Lima de Castro, coordenadora-geral de Segmentação do Ministério do Turismo.

O País, a seu ver, ainda não está preparado para receber um público maior. "Há muita gente pensando em atrair mais turistas, mas é preciso pensar também no equilíbrio, para não comprometer o patrimônio natural." Para ela, o exemplo de gestão em Bonito, em Mato Grosso do Sul, onde existe um grupo responsável pela **orientação da demanda** , poderia ser seguido por outros destinos turísticos. "Esse tipo de iniciativa tem aumentado", acredita.

A gestão do patrimônio turístico é obrigatória, segundo ela, porque o "turismo entrou na lista de consumo do brasileiro", e a pressão sobre as áreas de visitação só tende a aumentar. Dados do Conselho Mundial de Turismo mostram que, no Brasil, a contribuição do turismo para o PIB será de 5%, com receitas que devem crescer quase 12% este ano, boa parte impulsionada pelo chamado turismo de massa (*mais em Entrevista à pág. 16*).

A ascendente classe C também começa a também exigir um turismo mais comprometido com boas práticas. "Ninguém gosta de visitar um lugar com lixo exposto, prostituição e alcoolismo", afirma.

Para Sáskia, ter uma indústria do turismo com um olhar além do econômico depende fundamentalmente de incluir mais gente na conversa. "Parece uma tarefa quase impossível, mas existem bons exemplos, como Paraty (RJ), um tradicional roteiro praia-e-mar que inseriu a cultura como um diferencial, num movimento que beneficia toda a cidade."

Bernadete Passos, da ONG Casa Azul, uma das responsáveis pela administração do turismo local e organizadora da Festa Literária Internacional de Paraty (Flip), diz que o segredo é a inclusão da comunidade na gestão. "A cidade só é boa para o turista se for boa para a comunidade", afirma, citando o consultor Josep Chias – autor do *Plano de Desenvolvimento do Turismo Cultural de Paraty* e do plano de marketing que transformou a cidade de Barcelona para as Olimpíadas de 1992 (*mais sobre Barcelona à pág. 44*). "Estamos numa trilha,



### O turismo e seu entorno : Conheça as diferenças entre as várias modalidades

**ECOTURISMO** – O termo está relacionado a viagens com destinos de natureza, mas implica também a minimização do impacto sobre os ecossistemas visitados e o respeito à cultura da região, além da geração de recursos em benefício da população local e da preservação desses ambientes. O ecoturismo também propõe a formação de uma consciência ambiental. No Brasil, a atividade surge justamente nesse contexto, segundo estudos de campo promovidos pelas escolas.

**TURISMO DE AVENTURA** – Envolve uma programação com atividades recreativas ao ar livre, tornando o turista, de certa forma, protagonista de suas próprias viagens. Entre as modalidades mais

conhecidas estão canoagem, caminhadas, ciclismo, mergulho e arborismo.

**TURISMO RURAL** – Procura promover produtos e serviços, além do patrimônio cultural, de comunidades rurais. No Brasil, destacam-se as grandes propriedades de café e cana-de-açúcar (MG e SP), as fazendas de cacau da Bahia e as alternativas mais modernas, como os complexos turísticos e hotéis-fazenda voltados para a recreação.

**TURISMO DE NATUREZA** – Atividade que se desenvolve em torno de atrativos naturais e culturais com objetivos de visitação, estudos ou simplesmente recreação. Pode congrega segmentos variados do turismo, como ecoturismo, turismo de aventura e

turismo rural, além de atividades relacionadas a educação ambiental.

**TURISMO SUSTENTÁVEL** – Mais que um serviço, é um conceito que pressupõe a exploração de certa atividade turística considerando-se várias dimensões, relacionadas principalmente ao respeito às comunidades e a sua cultura local, à preservação dos locais visitados (inclusive de patrimônios não naturais) e à geração de renda para todos os envolvidos diretos, desde os guias locais até as agências de viagens.

– elaborado por Eli Ridolfi (*veja a lista de livros e links consultados na versão digital desta reportagem em [fgv.br/ces/pagina22](http://fgv.br/ces/pagina22)*)

### Muitos selos: que caminho seguir?

O turista interessado em minimizar impactos de sua viagem ou mesmo usá-la como um instrumento de conservação vai se deparar pelo caminho com uma série de selos e certificações. Como se guiar? É preciso, antes de qualquer coisa, verificar os critérios das certificações turísticas, lembra Roberto Bitelman, sócio-diretor do SUL Hotels, primeiro selo de hotelaria voltado exclusivamente para a América do Sul. Segundo ele, é difícil fazer uma comparação entre elas, pois avaliam aspectos bem diferentes. Bitelman nos ajudou a apontar alguns dos principais selos que estão se destacando no mercado:

**INMETRO** – A Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) estabeleceu uma série de parâmetros relacionados a sustentabilidade no turismo e os reuniu na NBR nº 15.401, uma das poucas normas no mundo que atendem ao The Global Sustainable Tourism Criteria, estudo realizado pela ONG Rainforest Alliance e pela ONU. Contempla desde o desenho arquitetônico das instalações turísticas até a mensuração do nível de satisfação dos clientes.

**ROTEIROS DE CHARME** – Associação que congrega mais de 50 hotéis e pousadas, em 13 estados brasileiros, cujos membros são selecionados a partir de critérios como conforto, qualidade de serviços e responsabilidade socioambiental. Tem seu próprio código de ética e conduta ambiental, desenvolvido em cooperação com o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (Pnuma), com o qual mantém acordo de cooperação desde 2003.

**PROGRAMA AVENTURA SEGURA** – Coordenado pela Associação Brasileira de Empresas de Ecoturismo e Turismo de Aventura (Abeta), em parceria com o Ministério do Turismo, prioriza a operação responsável e segura do turismo de aventura. O selo é concedido por entidades autorizadas pelo Inmetro. O Brasil tem hoje mais de 60 empresas já certificadas.

**GREEN GLOBE** – É a mais conhecida certificação global em turismo sustentável, mas seu foco é mais ambiental. Tem como base a Agenda 21 e os princípios acordados na Rio-92. Outros programas globais são HVS-Ecotel, STEP (Sustainable Tourism International) e Blue Flag. Todas essas organizações contam com representantes no Brasil, certificando hotéis e praias.

– por Eli Ridolfi



É preciso trabalhar com as pessoas e trazer cada vez mais o turista ao centro do debate, chamando para sua responsabilidade, diz consultor

do Ministério do Turismo, resume-se no que o governo vem chamando de Copa Verde, ou Copa Sustentável, um conjunto de ações capazes de garantir a realização do evento sem comprometimento do futuro. “É a grande oportunidade de inserir a sustentabilidade na cadeia do turismo”, acredita ela.

O otimismo de Sáskia e Jeanine, no entanto, não encontra eco nas palavras do ministro do Turismo, Pedro Novais, que, aos 80 anos, parece desanimado com os desafios que tem pela frente. Nas poucas vezes em que se manifestou publicamente depois que assumiu o cargo, Novais disse que não vai ter influência nas decisões centrais sobre a Copa e as Olimpíadas, e que a única incumbência de seu ministério será capacitar 306 mil prestadores de serviço. Ao falar na Comissão de Desenvolvimento Regional e Turismo do Senado, em 27 de abril, o ministro lamentou o corte de 85% das verbas do ministério para este ano. O orçamento caiu de R\$ 3,7 bilhões para R\$ 570 milhões.

Mas a falta de verbas não é o único e talvez nem o principal problema do Ministério do Turismo e de quem se dedica a essa atividade no Brasil. A questão maior é saber se o Brasil está disposto a encarar a atividade turística como parte realmente importante de sua economia e não apenas como um gerador de riquezas de segunda classe.

O que está acontecendo atualmente em **Ilhéus (BA)** mostra como a visão econômica tradicional exerce seu peso e sinaliza que o turismo muitas vezes perde o cabo de guerra quando em disputa com outras atividades. Todas obras de grandes corporações financiadas pelo Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) do governo federal.


Em outro aspecto contraditório dessa história, as corporações são as principais responsáveis pela introdu-

ção de critérios socioambientais nos empreendimentos turísticos. Grandes empresas exigem compromisso de seus fornecedores para não ter seus relatórios anuais maculados por ações potencialmente danosas ao meio ambiente ou que, de alguma maneira, contribuam para a desvalorização da cultura local. Isso leva a uma busca por novos padrões tanto na construção quanto na operação de empreendimentos turísticos. *(quadro sobre certificação à pág. 24)*

Percebendo essa oportunidade, a certificadora Green Globe abriu uma representação no Brasil. “O mercado está exigindo mais sustentabilidade e a sociedade também”, afirma Dérik Lobo, gestor de certificações da empresa no País. Também ele enxerga a Copa do Mundo e as Olimpíadas como os grandes agentes transformadores.

“Já está havendo essa preocupação. O próprio material de divulgação da Fifa anuncia uma Copa do Mundo sustentável”. A Green Globe, porém, tem como seus grandes clientes os hotéis, resorts, e mercado de alto luxo – criticados pelo consultor Julio Bin e o professor Bruno Malhães, por geralmente desprezarem a cultura local.

Na opinião deles, o Brasil deveria aproveitar a oportunidade para se mostrar como realmente é. Com sua cultura, belezas naturais e diversidade, aproximando o turista estrangeiro que virá para a Copa e as Olimpíadas da vida do País.

“Acho isso possível. O Brasil tem um modo de vida muito diferente de outros países e tenho certeza de que, se as pessoas puderem conhecer e ter uma experiência mais ampla, vão curtir”, acredita Malhães. “O Brasil é a bola da vez em vários aspectos”, complementa Bin, “e essa é a hora de o turismo deixar de ser um setor periférico da economia”. 

Em Ilhéus, diversas organizações ambientalistas lutam contra a implantação do Terminal Portuário da Bamin, do Porto Sul e do traçado final da Ferrovia de Integração Oeste-Leste, previstos para ser construídos na Área de Proteção Ambiental da Lagoa Encantada



## Projeto Arara Azul

### A Fundação Toyota do Brasil preserva esta espécie.



Há 22 anos, a Toyota participa ativamente do Projeto Arara Azul, promovido pelo Instituto Arara Azul: uma importante iniciativa que contribui para a preservação dessa espécie ameaçada de extinção.

No início das ações, a população de araras era estimada em 1.500 aves. Atualmente, com o monitoramento constante de aproximadamente 3 mil araras que vivem em 364 ninhos espalhados por uma área de 400 mil hectares do Pantanal Sul Mato-Grossense, esse número aumentou para mais de 6 mil aves.

Saiba mais sobre o Projeto Arara Azul no site: [www.projetoararaazul.org.br](http://www.projetoararaazul.org.br)

05 de junho - Dia Mundial do Meio Ambiente.

Visite o site [www.fundacaotoyotadobrasil.org.br](http://www.fundacaotoyotadobrasil.org.br)



Respeite a sinalização de trânsito.



# Lugares pares

FOTOS DING MUSA TEXTO AMÁLIA SAFATLE

**D**ípticos são quadros pintados ou esculpidos em dois panos ou tábuas que se dobram, reza a definição. Aqui, a dobra-dura serve também para criar pares de lugares diferentes, mas similares em sua oposição ou complementaridade. Noite e dia, convexos e côncavos, o concreto armado e a mata desarmada.

O fotógrafo Ding Musa nos conta sobre o prazer de construir imagens sem tempo ou referência. Em vez de representar um lugar que existe, prefere retratar uma ideia de lugar. Pois os locais de referência cansam, enquanto a ideia permanece. O díptico também está no material e imaterial. “Apesar de tentar fugir das coisas, a fotografia sempre acaba precisando delas para existir”, diz. [ZZZ](#)







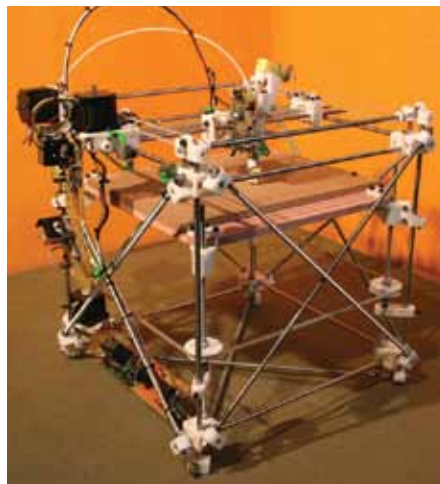






**Kit civilização** | O *open source hardware* – com design colaborativo e reprodução permitida – quer reinventar a produção local, ao gerar prosperidade fora do modelo de cadeias de fornecimento globais, de exploração de direitos humanos e de degradação ambiental **POR FLAVIA PARDINI**

**S**e você tivesse que criar uma civilização do zero, por onde começaria? A pergunta provavelmente assusta a maioria de nós, acostumados a acender a luz com um clique e a comprar já pronto tudo o que precisamos. Mas não a Marcin Jakubowski, um jovem polonês que estudou e mora nos Estados Unidos. Há quatro anos, ele toca o Open Source Ecology (OSE), um projeto que pretende construir protótipos de 50 máquinas cruciais para a vida moderna. O grupo já desenvolveu oito protótipos e um deles – uma prensa para fabricação de tijolos apelidada de “the liberator” – está pronto para entrar no mercado. “Nosso objetivo é ambicioso: finalizar as 50 ferramentas dentro de dois anos, com um orçamento de US\$ 2 milhões”, diz.



OS PROTÓTIPOS *open source* pretendem nos elevar a um patamar no qual sejamos verdadeiramente produtivos

O que distingue o projeto é que Jakubowski e seus colaboradores trabalham voluntariamente na construção dos protótipos. O resultado final é aberto para quem quiser copiar, e o orçamento vem de contribuições de “fãs verdadeiros”. A ideia, explicou em palestra no TED [1], é “criar versões open-source, faça-você-mesmo que qualquer pessoa pode construir e manter por uma fração do custo”. O conjunto de 50 protótipos foi batizado de Global Village Construction Set (GVCS).

Mais do que permitir que um ou outro fazendeiro em cantos remotos pare de gastar dinheiro para consertar seu Caterpillar e construa o próprio trator, o Open Source Ecology quer usar o GVCS para transformar o mundo. A ambição é ajudar a desenvolver um modelo de produção distribuída em que o design é aberto e todos têm acesso a ferramentas para criar riqueza. A aplicação desse modelo, que dá certo no mundo do software e da informação, no mundo do hardware e da produção física é chamado de *open source hardware*.

Jakubowski garante que não se trata de voltar à idade da pedra, mas de promover um

padrão apropriado para o uso da tecnologia e, com isso, reinventar a produção local. Ele cunhou o termo “neocomercialização” para identificar o processo que quer ver ocorrer com os protótipos do GVCS. “Significa que podemos tanto ‘comercializar’ um produto – torná-lo disponível para venda a preços competitivos – quanto ajudar outros a replicar a empreitada.” Reproduzir e espalhar tecnologias importantes possibilita que as pessoas sobrevivam e prosperem sem depender de cadeias de fornecedores globais, de exploração de direitos humanos e de degradação ambiental, diz.

O “kit civilização” que Jakubowski tem em mente nos guiaria em direção a um estado mais evoluído, em que os seres humanos são verdadeiramente produtivos. O modelo é o homem descrito pelo escritor de ficção científica Robert A. Heinlen: alguém que sabe trocar uma fralda, planejar uma invasão, matar um porco, pilotar um navio, projetar um edifício, escrever um soneto, equilibrar contas, construir uma parede, confortar os que morrem, aceitar ordens, dar ordens, cooperar, agir sozinho, solucionar equações, analisar um problema novo,

programar um computador, cozinhar uma refeição gostosa, lutar eficientemente, morrer bravamente. O conselho do escritor é que a “especialização é para insetos”. Quer dizer que, se o OSE for bem-sucedido em detonar uma nova civilização, seus habitantes serão generalistas.

O Open Source Ecology aposta ainda que abrir a fonte e permitir a reprodução e a comercialização das ferramentas que tornam a vida contemporânea possível vai ajudar o mundo a abandonar o modelo econômico atual baseado na escassez artificial – em que alguns produtos são escassos, apesar da existência de tecnologia e capacidade produtiva para criar abundância.

Ao contrário de empresas com base no lucro, que precisam manter a escassez para continuar a operar no mercado – e por isso praticam a obsolescência planejada –, o *open hardware* busca o design ótimo para os produtos. Por isso é “inerentemente sustentável”, segundo Michel Bauwens, teórico dos processos *peer-to-peer* (P2P). Os designs são compartilhados por meio de licenças abertas. Podem ser usados por fabricantes e vendidos para eventualmente realizar lucro, mas não geram qualquer renda derivada da propriedade intelectual. Isso impede, de acordo com Bauwens, que a inovação seja privatizada.

Para que o *open hardware* vire uma realidade, afirma o teórico, é preciso novas formas de propriedade e organização social e, por isso, seu potencial só será realizado se houver adaptações institucionais. Os participantes do OSE parecem confiantes de que elas virão – eles querem finalizar o GVCS até 2012, ver a primeira comunidade pós-escassez funcionando até 2014 e a reprodução viral do modelo dois anos depois. Se a ideia florescer, terá sido concebida uma nova civilização. **122**

**\* JORNALISTA E FUNDADORA DE PÁGINA22**

[1] Assista à palestra em [ted.com/talks/marcin\\_jakubowski](http://ted.com/talks/marcin_jakubowski)

MAIS FLORESTAS, MAIS VIDA.  
MAIS VIDA, MAIS FLORESTAS.



Somos uma empresa de base florestal. E para entender a floresta como um todo, é preciso entender cada uma das suas partes. A água, o solo, as árvores, os animais, as pessoas, as comunidades. É buscando cultivar este equilíbrio que estamos escrevendo a nossa história. **Esse é o nosso presente. E o futuro que queremos construir.**

Apoiamos a ONU na iniciativa do Ano Internacional das Florestas.  
Acesse o Relatório de Sustentabilidade 2010 em [www.fibria.com.br/rs2010](http://www.fibria.com.br/rs2010)



# O que **vai** e o que **fica**

Os poucos dados disponíveis indicam que o turismo em áreas naturais reverte em pouco desenvolvimento para os lugares que explora. A construção de indicadores que monitorem a atividade está só começando, mas a percepção é de que a renda deixada pelo visitante mal chega ao visitado

POR GISELE NEULS FOTOS ANTONIO BRASILIANO

**P**ara quem deseja passar férias em esplêndidos cenários naturais, o Brasil é o destino número 1, segundo o Índice de Competitividade do Turismo, do Fórum Econômico Mundial [1]. Entre os 139 países do ranking, ninguém tem mais biodiversidade e belezas naturais. Bonito por natureza, mas ameaçado pela falta de investimentos adequados, o Brasil tem no turismo um setor que oscila entre o predador das paisagens que vende e o **indutor de desenvolvimento sustentável local** [2].

Apesar de sermos o primeiro da lista em termos de atributos naturais, ocupamos a 29ª posição no que se refere a gestão e conservação desse patrimônio.

Vamos começar pelas áreas que, em tese, são as mais protegidas do País. Dados sobre o desempenho e o impacto das diferentes modalidades turísticas praticadas no País são escassos e pouco detalhados, mas

um documento divulgado em maio pelo Ministério do Meio Ambiente estima que a visitação em **Unidades de Conservação (UCs)** [3] brasileiras movimentou R\$ 460 milhões em 2009 na economia local onde estão situadas [2].

Entretanto, a conta refere-se apenas aos 18 parques nacionais que oferecem visitação estruturada. Isso não significa que os outros 49 existentes não aceitem turistas. Muitos passam anos recebendo visitantes de forma irregular, como o Parque Nacional da Chapada Diamantina, na Bahia. Criado em 1985, até hoje ele não teve seu plano de manejo concluído e recebe intensa visitação sem qualquer controle.

Ernesto de Castro, coordenador-geral de Visitação do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), diz que o órgão está fazendo um ordenamento emergencial nas unidades que recebem visitação

▀ O desenvolvimento local é um dos pressupostos do turismo sustentável. Leia mais em quadro à pág. 25

▀ A rigor, uma UC só pode abrir para visitação pública depois de aprovado seu plano de manejo. Isso, entre outros aspectos, definirá quais são os atrativos acessíveis e a quantidade de visitantes que pode ser recebida sem grandes danos ao ambiente

[1] Consulte o ranking em [weforum.org/reports/travel-tourism-competitiveness-report-2011](http://weforum.org/reports/travel-tourism-competitiveness-report-2011) [2] Disponível em [mma.gov.br](http://mma.gov.br), seção Biodiversidade e Florestas/Publicações



## O desafio do "turismo sustentável" é convencer o cliente

regular, mas ainda não possuem plano de manejo, de forma a manter a movimentação turística com menos impacto. Ele cita como exemplo o Parque Nacional de Anavilhanas, no Amazonas, que até 2008 era uma estação ecológica e recebia visitantes de forma irregular.

Lá, o setor turístico apresentou uma lista de atrativos dentro do parque que gostaria de operar regularmente e o diálogo resultou na mudança de categoria para parque, que permite mais visitação. “Agora estamos definindo critérios e condutas mínimas de visitação, até que o plano de manejo seja concluído.”

### AJUDA OU ATRAPALHA?

De olho nos turistas que virão para a Copa em 2014, o ICMBio priorizará a conclusão dos planos de manejo e melhoria da infraestrutura de 26 UCs próximas às cidades onde ocorrerão os jogos. “O turismo é uma oportunidade, mas também um risco. Se começar a levar muita gente sem bons instrumentos de controle, sem uma boa relação com os operadores, pode resultar em degradação”, afirma Castro.

Se dentro das áreas mais protegidas a contabilidade dos impactos e benefícios do turismo é frágil, em áreas naturais fora das UCs ela praticamente inexistente.

“Um dos problemas muito discutidos atualmente é justamente a contabilidade ambiental”, afirma a professora de Turismo da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) Glória Maria Widmer. “Nós sabemos que os impactos existem, mas ainda não temos metodologia desenvolvida para analisá-los. Em muitos locais, o turismo se dá junto com outras atividades, é difícil determinar onde termina a responsabilidade de uma atividade e começa a de outra.”

A construção desses indicadores é uma das pautas na agenda do grupo de pesquisas coordenado pela professora da UFPE. Nathália Körössy Leite, uma das pesquisadoras participantes, está desenvolvendo uma metodologia baseada nos indicadores da Organização Mundial do Turismo. A ideia é estabelecer os critérios de avaliação e, depois, aplicar em um projeto piloto. Mas essa fase experimental ainda não tem previsão de início.

A preocupação com indicadores de monitoramento das atividades turísticas também chegou ao Terceiro Setor. O Instituto Peabiru, organização não governa-

mental que promove capacitações sobre ecoturismo no Pará desde 2000, começou a se preocupar com isso recentemente. Por meio de um projeto, em parceria com o Instituto Floresta Tropical, iniciado em março em Almeirim (PA), está definindo um marco zero baseado em dados sobre o ambiente e diagnóstico comunitário. A partir desses dados, será possível monitorar os impactos positivos e negativos das atividades, que, além do fomento ao turismo, visa melhorias na cadeia de produtos, como cacau e castanha.

Isso representa uma mudança na metodologia de trabalho da organização, que até então monitorava apenas alguns indicadores econômicos, como número de visitantes e receita gerada para a comunidade – como feito na Reserva Extrativista Mãe Grande de Curuçá, no litoral paraense.

A reserva, situada em uma área considerada como um dos maiores manguezais do planeta, vive da pesca artesanal e coleta de mariscos e caranguejos. O Peabiru chegou lá em 2006, oferecendo capacitação para jovens. Eles gostaram tanto da ideia que criaram o Instituto Tapiaim de Ecoturismo, e possuem parceria com duas agências, uma de Belém e outra de São Paulo. Entre 2008 e 2010, a comunidade recebeu 116 visitantes, que deixaram lá pouco mais de R\$ 7,6 mil.

Embora promissor, esse resultado reflete outro aspecto crítico: o dinheiro que entra nas comunidades é inconstante e dificilmente pode sustentá-las sozinho. Não há informações precisas sobre o volume de recursos que fica nas pequenas comunidades onde os turistas circulam em busca contato com a natureza. De todo modo, estima-se que seja pouco.

Ana Gabriela Fontoura, coordenadora do projeto no Instituto Peabiru, diz que normalmente a economia local se limita à venda de artesanato e empregos de baixa remuneração, como motoristas e cozinheiras. “Não é o que acontece em Curuçá. Lá, a ideia é que eles não sejam apenas empregados, mas responsáveis pela própria gestão do turismo.”

A coordenadora diz que calcular a participação do turismo comunitário na renda de uma comunidade é difícil,

## do valor que agrega, sem parecer assistencialista ou hippie

porque a diversificação de fontes varia muito, e o objetivo é justamente conhecer essas outras atividades. “O turismo de base comunitária não substitui as atividades tradicionais que as comunidades fazem, e essa deve ser uma renda complementar.” O governo federal vê a modalidade da mesma forma, mas também não contabiliza o impacto na economia local.

Katia Silva, coordenadora-geral de Projetos Estruturantes do Ministério do Turismo, diz que o custo de implantação de instrumentos de monitoramento é maior do que a atividade econômica gerada. Por isso, o órgão monitora apenas se existe fluxo turístico e se o produto ou serviço é feito com segurança para o turista. “O que importa é que eles se insiram no mercado com uma atividade inédita, autêntica, sintonizada com a comunidade, e que crie um diferencial para aquele destino”, afirma. Em 2008, o Ministério do Turismo aprovou 50 projetos de apoio ao turismo de base comunitária, desde destinos até atividades correlatas, como grupos culturais e fornecedores de produtos e serviços [3]. A partir daí, o investimento médio nesse segmento de mercado tem sido de R\$ 3,5 milhões por ano.

### NEGÓCIO INOVADOR

Se o turismo sustentável é um nicho de mercado jovem, os roteiros destinados a promover encontros culturais entre turistas e comunidades rurais, extrativistas ou de pescadores são praticamente recém-nascidos. Há poucas agências especializadas nesse tipo de pacote e, o público, ainda restrito. Ana Fontoura, do Peabiru, diz que as agências têm pé-atrás com esse tipo de passeio, receando que os pacotes sejam pouco lucrativos e que não haja qualidade e segurança no atendimento. “É um produto muito inovador. Os agentes têm dificuldade para transmitir ao cliente seu valor agregado”, analisa.

Encontrar a comunicação adequada para vender roteiros tão diferenciados é um dos desafios da Aoka, uma agência especializada em turismo sustentável. “Eu preciso passar para o cliente o valor que existe numa viagem dessas, sem que isso soe assistencialista ou hippie”, afirma Ricardo Gravina,

sócio-fundador da Aoka. A empresa nasceu ligada ao Projeto Bagagem, uma das primeiras organizações a levantar a bandeira do turismo de base comunitária, e hoje ampliou sua atuação trabalhando em parceria com outras organizações.

Antes de incluir uma comunidade em seu portfólio, a agência realiza um diagnóstico socioambiental da comunidade e identifica lideranças e formas de organização locais. A partir disso, a caracterização do pacote, chamado de Experiência Aoka, é feita de maneira participativa, desde a definição do roteiro e capacidade de carga de trilhas até a tabela de preços dos produtos e serviços. Todo o processo de preparação de uma comunidade leva em torno de oito meses. Atualmente, a Aoka trabalha com 15 comunidades, em diferentes regiões do País [4].

Gravina calcula que, do montante de recursos de campo de um pacote, que inclui logística, hospedagem e alimentação, cerca de 30% ficam para as comunidades. “Se tem uma atividade que pode realmente trazer desenvolvimento local sustentável e preservação ambiental, é o turismo. Mas não é o que vemos com o turismo convencional. Ao contrário, muitas vezes ele é totalmente prejudicial, deixa pouco dinheiro e inflaciona a vida das comunidades”, avalia.

Ele salienta que o trabalho não se limita à geração de renda, há também a preocupação de que ela se reverta em benefícios para toda a comunidade. Uma parte da renda gerada vai diretamente para as pessoas que trabalharam na recepção aos turistas, e outra, para as organizações locais, garantindo recursos para investir em equipamentos coletivos e estruturas, como centros comunitários.

A experiência levou à criação de um fundo para projetos de até R\$ 10 mil. “A gente percebeu que existiam demandas grandes demais para que eles conseguissem resolver sozinhos, mas pequenas demais para poderem ser contempladas em editais.” A agência ajuda as comunidades a elaborar o projeto de captação, contribui com parte do faturamento de seus pacotes, e busca doadores para o restante. ■

[3] A lista completa de projetos e o mapa dos destinos está disponível na seção de Publicações, em turismo.gov.br [4] Um mapa interativo com as experiências está disponível em aoka.com.br





# Ponha os PÉS na água

Viajar é um passatempo divertido, mas também pode ser uma maneira esplêndida de experimentar outras realidades, com consequências profundas sobre o viajante **POR FÁBIO RODRIGUES**

▲ Atração popular entre os turistas que visitam o município de Paranapiacaba (SP) para percorrer as trilhas da Serra do Mar que ligam o Planalto à Baixada Santista

No poético *Diários de Motocicleta*, Walter Salles nos coloca na garupa de La Poderosa, a motocicleta que, enquanto pôde (a moto pifou no Chile), carregou Ernesto Guevara e seu amigo Alberto Granado na viagem que a dupla fez pela América do Sul, em 1952. O testemunho de primeira mão das condições lamentáveis do continente foi um dos pivôs para que o pacato estudante de Medicina acabasse se transformando no mítico guerrilheiro “Che”. Dá para ver que, ao permitir experimentar realidades diferentes, o turismo tem o poder de virar a vida das pessoas do avesso.

A bem da verdade, a noção de experiência anda tão valorizada que algumas empresas até acharam um jeito de vendê-las. Trocando em miúdos, elas vendem cupons que dão direto a viver situações inusitadas – de diárias em pousadinhas paradisíacas a voltinhas numa legítima Ferrari. A Vida é Bela é uma das companhias que disputam uma fatia nesse novo mercado. Segundo a diretora-geral da empresa, Cristina Reis, no momento em que o consumo de objetos ficou mais fácil, o foco passou para os componentes emocionais. “As experiências ficam para sempre na memória”, avalia. Esse é um poder que muita gente do setor de ecoturismo quer acessar.

É o caso de Edgar Werblowsky, fundador da Freeway.

Criada em 1983 para organizar caminhadas na Serra do Mar, a empresa é uma das pioneiras do segmento ecoturismo no Brasil. “Quando comecei, eu nem entendia que estava fazendo turismo, na minha cabeça eu só organizava caminhadas na natureza”, lembra, contando que logo reparou o quanto a experiência tocava emocionalmente os clientes. “Percebi que, ao chegarem ao **Poço das Moças** ▲, as pessoas tinham outro olhar e ficavam muito contentes”, lembra.

Na opinião do empresário, o contato com a natureza desfaz os danos causados por anos de tensão acumulada. “Na natureza, as pessoas têm a experiência do contato com o belo e se desligam da cultura de ansiedade. Elas se despem das couraças que usam na vida cotidiana”, diz, acrescentando que isso permite a elas se reconectar consigo mesmas e com os outros. “Percebi que a natureza era o melhor palco para a redescoberta pessoal, pois está totalmente descarregada dessa energia construída pelo homem. Ela é uma energia pura através da qual temos a oportunidade de nos reconectar com valores perdidos desde a Revolução Industrial”, filosofa Edgar.

Silvio Martins tem uma visão parecida. Ele fundou a Climb, em 1985, para transformar em profissão sua experiência como alpinista. “Sempre quis que quem fosse fazer uma trilha comigo pudesse deixar as frescuras





## "O turista recebe uma carga de informação que permite repensar seu comportamento e valorizar coisas que não valorizava antes"

de lado e ter uma experiência que melhorasse a própria vida de alguma forma", diz. "Essas pessoas andavam o dia inteiro, atravessavam rios e exploravam cavernas. No fim do dia, estavam com tanta fome que nem ligavam se a comida estava fria ou sem sal. Elas não apenas comiam como ainda ficavam de olho na do vizinho", brinca. Pode até soar um pouco ingênuo, mas Silvio garante que colocar as pessoas nessas situações de desconforto controlado pode alterar a vida delas para valer.

A experiência de fricção com a natureza ajuda as pessoas a readquirirem a perspectiva da própria rusticidade, o que as liberta de uma porção de angústias civilizadas artificiais. O resultado, segundo o fundador da Climb conta com indisfarçável satisfação, é que "muita gente nos escreve para falar do quanto a experiência que tiveram conosco marcou a vida delas".

### ESTUDOS DO MEIO

Embora tenha convergido para um mesmo ponto, a professora Nícia Wendel de Magalhães chegou a ecoturismo por um caminho diverso. Professora secundarista por opção e vocação, Nícia sentia que precisava tirar os alunos da sala de aula para ensinar melhor. Em suas próprias palavras, "Biologia pode ser a pior matéria quando o professor só ensina fórmulas, mas também pode ser a melhor se você der aos alunos a chance de ver as coisas ao vivo".

Foi por isso que, em 1982, ela se juntou a outros professores para fundar a Eco Associação e levar grupos de estudantes para conhecer os ecossistemas do **Lagamar**. Fazia algo parecido com o que as escolas hoje chamam de "estudos do meio".

Vendo a empolgação dos alunos durante as viagens, a Eco Associação acabou descobrindo que o turismo poderia ser uma ferramenta de educação ambiental. "Não tenha dúvidas de que muita gente saiu cutucada de ver o Pantanal", garante.

O melhor testemunho de que o mundo de muita gente saiu mexido é a vontade que grande parte de ex-alunos demonstrou de reviver a experiência. "Há uns sete anos um grupo que tinha ido comigo para o Pantanal em 1982 me procurou e pediu que eu organizasse uma nova viagem para eles levarem seus filhos. E isso não aconteceu uma vez só", conta, orgulhosa do seu trabalho.

A Eco Associação acertou na mosca. Em março do ano passado, a Associação Brasileira das Empresas de Ecoturismo e Turismo de Aventura (Abeta) publicou um Perfil do Turista de Aventura e do Ecoturista no Brasil [1], cuja descoberta mais importante foi, de acordo com a consultora da Abeta, Lucila Egydio, a de que o turista que compra pacotes de ecoturismo está, quase sempre, querendo resgatar experiências da infância.

Por isso, é fundamental estimular as pessoas a visitarem áreas naturais desde pequenas. "No caso do ecoturismo, é verdade aquele ditado 'é de menino que se torce o pepino'. E é claro que, tendo contato com a natureza, as pessoas vão passar a valorizar mais a preservação", avalia Lucila.

A professora de Turismo da PUC-SP Maria José Giaretta comenta que combinar a experiência direta com educação ambiental chega a ser um dever do ecoturismo. "O turismo mexe com os nossos sentidos. O turista recebe uma carga de informação que permite repensar seu comportamento e o faz valorizar coisas que não valorizava antes", pontua.

Essa dimensão, digamos assim, emocional do turismo vem sendo explorada pela Cooperativa de Ecoturismo de Guaraqueçaba – uma iniciativa esboçada pela Sociedade de Pesquisa em Vida Selvagem e Educação Ambiental (SPVS) para aumentar a renda das comunidades da Área de Proteção Ambiental de Guaraqueçaba.

A coordenadora de educação ambiental da SPVS, Liz Buck Silva, diz que tudo foi feito para que os visitantes tivessem uma experiência profunda. "Fazemos avaliações e percebemos que as pessoas saem muito emocionadas. Elas começam a fazer paralelos entre a vida que levam e a vida dos moradores daqui, e isso cria uma reflexão muito importante", comenta.

Recentemente, a SPVS começou a amarrar uma parceria com o Centro de Estudos em Sustentabilidade, da FGV-Eaes (CVces). Liz explica que as conversas ainda estão no início, mas que uma das ideias é montar um centro de capacitação na região de Guaraqueçaba para receber equipes de empresas com a finalidade de passar por vivências. Seria mais uma forma de gerar receita no local, ao mesmo tempo em que se proporciona ao visitante experiências transformadoras que vão fortalecer o engajamento do setor privado em causas socioambientais.

No fundo, aumentar o engajamento da população em geral na conservação é uma das ambições não oficiais de todos os que se esforçam para que o contato entre turistas e a natureza seja uma experiência inesquecível. "Eu quero gerar uma massa de pessoas conscientes. A meu ver esse é o propósito do ecoturismo", conclui Edgar, da Freeway.

[1] O estudo está disponível na íntegra em [abeta.com.br/pesquisaperfil](http://abeta.com.br/pesquisaperfil)

# [COLUNA]

Efeito **bola de neve** | O turista tem muito a aprender para conviver de forma harmoniosa com a natureza. Mas não vamos exagerar. Ou vamos? **DANIELA GOMES PINTO \***



**T**este: você está em uma trilha no meio do mato e o caminho à sua frente está lamacento e nada convidativo. O que você faz? Desvia do barro para não sujar os pés e pisa naquele matinho limpo e seco ali do lado? Já era. Você caiu na desgraça como turista sustentável. Porque um verdadeiro iluminado do **triple bottom line** não titubeia. Respira fundo e segue certo em direção à lama. É essa uma das regras básicas do programa Leave No Trace – algo como "Não Deixe Marcas". A ideia surgiu nos anos 80 entre montanhistas e ganhou fôlego. Hoje a marca é uma organização não governamental com milhares de adeptos, sede nos EUA e programas na Austrália e no Canadá.

**Resultado que une o tripé da sustentabilidade: o aspecto social, o econômico e o ambiental**

O princípio é simples – se você vai visitar a natureza, não deixe rastros. Não estamos falando aqui de latinhas de cerveja ou saquinhos de fandangos, por favor. Falamos daquela casca de mexerica que você joga com gosto atrás do arbusto se sentindo o próprio adubador da natureza. No Leave No Trace, aquela casca não pertence ao ambiente. E, se não pertence ao ambiente, cabe a você levá-la de volta.

Minha experiência com essa abordagem pra lá de radical foi, como dizer, pra lá de radical. Sob efeito de algum transe, excesso de yakult ou pura juventude, há alguns anos, em vez de ir para um *resort* no Caribe, resolvi passar os 30 dias das minhas preciosas férias nas Montanhas Rochosas, nos EUA, fazendo caminhadas e aplicando a técnica.

Éramos 12 pessoas, mas só andávamos em grupos de três, para não criar tanto impacto nas caminhadas. Lavávamos nossas panelas com areia e pedregulhos, e longe

dos rios, para não contaminar o ambiente. Dormíamos apenas com sacos de dormir sob uma tenda a nos proteger da chuva, e no dia seguinte era preciso retornar ao lugar os galhos e raízes afastados na noite anterior. Carregávamos todo o nosso lixo, biodegradável ou não. Nada, absolutamente nada podia afetar o ambiente ou ser deixado para trás – e, se você acabou de pensar naquilo que não poderia ser carregado, pasmé: eu não tive essa honra, mas, em determinados locais com geografia complicada, há gente que carrega, sim, suas fezes de volta.

Se não atingimos o ápice da escatologia no nosso grupo, chegamos perto. O curso "recomendava fortemente" que não se usasse papel higiênico ao longo da viagem – e, a partir daqui, se você for uma pessoa sensível ao tema, melhor parar de ler. Nos primeiros dias no mato, os instrutores reboavam para ensinar a alunos visivelmente constrangidos às diferentes formas de resolver a "questão". Um confessava sua predileção por um tipo de folha da região, sedosa ao toque. O outro mostrava uma pinha macia que cumpria – literalmente – o seu papel. Mas o clímax foi quando o mais divertido dos instrutores recomendou bolas de neve. E ele não estava brincando.

Para além da anedota, a abordagem do Leave No Trace me parece nobre. Talvez haja excessos, mas eles chamam atenção para coisas fundamentais que todos deveríamos praticar como turistas: respeitar o lugar em que estamos, não interferir demais, falar de menos. Evitar deixar marcas que não pertencem ao ambiente local – seja uma

casca de fruta, seja um comportamento.

Mas no outro extremo está a horda de turistas desembarcando em uma praia deserta no Sul do Bahia, ao som alto de axé, e depois formando filas – na praia! – para voltar à charmosa embarcação com cara de balsa de carga e duvidoso apelido de "chalana". Também está no outro extremo aquela moça siliconada que, não se aguentando de emoção ao ver recifes de coral sob um barquinho no litoral nordestino, começa a gritar no meio de um silêncio retumbante: "Obrigaduuuuu! Deuuuuuuusss!"

E o que dizer dos sofisticados turistas que chegam sorrateiramente em seus iates e transatlânticos na paradisíaca Fernando de Noronha, como me conta uma amiga. Aquela gente tão "diferenciada" invade a praia sem constrangimentos, onde o controle dos turistas é supostamente feito a dedo.

De um lado, tem gente carregando o "inacarregável". Do outro, estão aqueles que deixam para trás não só a casca, mas a mexerica inteira, mais a latinha de cerveja, o saquinho de fandangos, os fandangos e, obviamente, as fezes, no mar, na areia, no mato. O que esses dois extremos nos dizem?

Bem, você não precisa flutuar sobre a trilha para não impactar a paisagem, mas também não há necessidade de marcar sua presença a ferrete. Não sei como ensinar o turista a buscar esse equilíbrio. Mas, quando baixa o mau humor, me dá vontade de recorrer ao radicalismo do Leave No Trace. Talvez uma bola de neve gelando nossa bunda faça milagres. **👉**

**+** PESQUISADORA DO GVces E MESTRE EM DESENVOLVIMENTO E MEIO AMBIENTE PELA LONDON SCHOOL OF ECONOMICS AND POLITICAL SCIENCE

**▀** Trecho de Mata Atlântica bem preservado que abrange os municípios de Iguape e Cananeia, no Litoral Sul do estado de São Paulo





# A cidade cíclica

Barcelona está escrevendo mais um capítulo da sua notável trajetória urbanística, voltado para a criatividade e a competitividade global. Os deslizes do percurso demonstram que nem todos os ativos dessa nova economia podem ser fruto de engenharia

POR CAROLINA DERIVI, DE BARCELONA FOTOS LLUIS CHECA

Na esquina entre as ruas Pere IV e Roc Boronat, no bairro de Poblenou, há uma sequência de situações arquitetônicas que podem deixar o turista coçando a cabeça. O edifício espelhado e modernoso da empresa Gaes, que desenvolve tecnologia para deficientes auditivos, está geminado a um pequeno prédio residencial centenário. Seguem mais dois predinhos antigos. Depois, tem um casarão invadido por franceses que, segundo se diz pela rua, passam o dia todo bêbados. Fecha a série mais um edifício contemporâneo, da empresa Alstom, fabricante de turbinas eólicas. E tudo isso em frente ao escritório da Citroën.

Essa improvável combinação sintetiza o processo de transformação e ressurgimento que atravessa o antigo epicentro industrial da Espanha. Na ‘Manchester Catalã’, que com suas fábricas esfumaçadas liderou a economia durante o século XIX e por boa parte do século XX, está em andamento o mais ambicioso projeto de revitalização urbana do mundo.

Não se trata apenas de tamanho, embora os 200 hectares do projeto – cerca de 25 quarteirões – sejam respeitáveis, mas da materialização de uma ideia que muitos outros lugares do mundo já perseguiram com grande dificuldade: colocar o urbanismo a serviço da economia do conhecimento.

Na virada do século, o número 22 que identifica administrativamente o distrito fabril de Poblenou ganhou

o anel da arroba, para substituir a indústria de ponta do século XIX, já esquecida, pelo seu correspondente no século XXI. O 22@Barcelona, típico exemplo da união de forças entre poder público, iniciativa privada e academia, é um *cluster* criativo que se propõe a concentrar a nata de empresas e profissionais ligados ao design, à tecnologia da informação e da comunicação, às ciências médicas e às novas fontes de energia.

Dez anos depois, os resultados se expressam em 1 milhão de metros quadrados reconstruídos ou revitalizados – que correspondem a 25% do plano original –, 114 elementos de arquitetura industrial preservados, 47 mil novos postos de trabalho, mobilizados por 3.500 empresas que se instalaram nesta zona, das quais 1.500 são de atividades estritamente de conhecimento. A maioria são pequenos *start-ups*, com até 10 funcionários.

O que nos interessa na empreitada é que, diferentemente de qualquer outro capítulo econômico da História, esse tempo em que a inovação se transformou numa espécie de El Dorado pode também ser um ímã para práticas de sustentabilidade. Na mesma época em que o 22@ se colocava em marcha, o papa da economia criativa, Richard Florida, preconizava que os profissionais qualificados do futuro escolheriam onde morar, amparados pela tecnologia da informação.

Para atrair esse tipo especial de capital humano,



## Urbanismo que prioriza os espaços públicos, a qualidade do design e a multifuncionalidade: o Modelo Barcelona não tem paralelo

era necessário garantir a tal qualidade de vida. Neste balaio encontra-se quase tudo que interessa: um padrão ambiental impecável traduzido num espaço público cidadão, saudável e limpo, esteticamente aprazível, socialmente diverso, culturalmente estimulante, cuja única forma de realização é aquela em que a vida coletiva se sobrepõe aos interesses privados.

“Há três grandes circunstâncias importantes para que a inovação aconteça”, explica Jordi Pardo, que foi coautor do plano estratégico de mídia para o 22@ e agora comanda a fundação Barcelona Media, com mais de 100 colaboradores de 23 países. “A primeira é um cenário socialmente complexo, lugar onde há gente diversa com ideias diferentes. Outra é o exercício da liberdade, o que nos diferencia, sobretudo, da China. O terceiro elemento são territórios culturalmente ativos, onde acontecem muitas coisas, de cultura formal e informal.”

Estes são também os elementos de um caminho que Barcelona já vem trilhando há mais de 30 anos. O 22@ é a mais nova fronteira de uma trajetória singular de renovação constante que ficou conhecida no mundo inteiro como o Modelo Barcelona. “Não é o Vale do Silício, esse é o modelo velho. É situar os espaços de inovação onde vivem as pessoas. Onde há vida real”, diz Pardo.

Como forma de dar sequência à edição anterior,

inteiramente dedicada às cidades inteligentes, PÁGINA22 viajou para conhecer *in loco* esse gigante balão de ensaio que coincidentemente compartilha o nosso número. Encontrou uma capacidade de realização invejável, alguns sérios tropeços e uma grande pergunta: se a cidade é como o hardware que roda o software da criatividade, nas palavras de Charles Landry [1], será mesmo que a alma urbana pode ser programada, tal qual um computador?

### A CIDADE É A RUA

Não fosse a invasão da arquitetura contemporânea, o Poble Nou de hoje seria muito similar às outras partes da cidade. Por onde quer que se caminhe, em qualquer dia e hora, há sempre uma diversidade de cenas lúdicas se passando na rua. Crianças jogam bola, adolescentes andam de skate, idosos passeiam em grupos, cadeirantes circulam sem precisar do amparo de ninguém. O cuidado com a beleza lembra requintes femininos. Nem o trilho do Tram, espécie de metrô elétrico de superfície, escapou da atenção aos detalhes e foi totalmente recoberto por grama verdinha bem aparada.

“Em Barcelona, a cidade é a rua”, resume o eminente geógrafo Jordi Borja no artigo *Barcelona y su urbanismo – Éxitos pasados, desafíos presentes, oportunidades futuras*, disponível na internet. Seria um erro equiparar a qualidade do espaço barcelonês à regra geral europeia. Primeira cidade do continente a adotar o planejamento estratégico como instrumento de trabalho, o que a capital da Catalunha conseguiu realizar não tem paralelo.

Isso é resultado de uma combinação de circunstâncias interessantes. Seja porque na época da ditadura de Franco toda a atuação política proibida se refugiou

[1] Autor do livro *The Art of City Making*

nas associações de bairro, seja porque a negação às vias rápidas para automóveis se transformou também numa afirmação antifranquista após a redemocratização, “formou-se uma cultura de participação cidadã muito ligada ao urbanismo”, diz Enric Pol, professor de psicologia social da Universidade Autônoma de Barcelona (UAB).

Trata-se, como explica Borja, de uma estratégia social antes de tudo, voltada para a reativação econômica de todas as regiões, apoiada na multifuncionalidade dos espaços e na qualidade do desenho, cujos monumentos geram atributos culturais e simbólicos. Fecha a equação o marketing urbano, que fez desta a sexta cidade mais conhecida do mundo. Foi tornando a cidade amigável para seus próprios habitantes que Barcelona conseguiu atrair mais turistas que o Brasil inteiro por ano.

É irônico que os especialistas consultados pela reportagem atribuam a característica de cidade compacta (leia mais sobre esse conceito na versão digital desta reportagem em [fgv.br/ces/pagina22](http://fgv.br/ces/pagina22)) a uma fatalidade geográfica. Barcelona esta cercada de colinas e limitada pelo mar. Não pude deixar de imaginar que, se fosse no Brasil, as pessoas dariam um jeito de ocupar as colinas e além.

### PORTAS FECHADAS

O 22@, porém, apresenta uma importante ruptura com as melhores práticas de outrora. O Poble Nou foi, até o final dos anos 80, um bairro periférico, desconectado da cidade, que por essa razão constituiu uma forte identidade social, diz Pol. Trata-se de uma região operária, influenciada pelo comunismo e o anarquismo, que mais tarde foi ocupada por artistas libertários atraídos pelas construções industriais abandonadas. Dá para imaginar o choque de culturas quando essas pessoas viram seus vizinhos sendo removidos para dar lugar a multinacionais.

Miguel Lopes Muñoz, dono de um bar fundado em 1886, é uma dessas pessoas. Ele guarda com todo cuidado, envolta em embalagem plástica, uma série de fascículos vendidos em banca sobre a história do Poble Nou que forma um catatau de páginas que mal cabe na mão. “Quando eu era criança, meu pai me mandava para a praia comprar peixe. Hoje não existem mais os pescadores. Esse lugar se transformou num bairro de *pijos (metidos)*”, lamenta. Já seu amigo Ricardo Paulo, um português boa-pinta dono de uma loja de produtos lusitanos, acha que a nostalgia é injustificada: “O bairro está melhor, tem gente jovem, energia nova. Anos atrás dava medo andar por essa *rambla*”.

Mas não se trata apenas de nostalgia. O que todas as pessoas ouvidas pela reportagem reconhecem, inclusive Pardo, da fundação Barcelona Media, é que o projeto fechou as portas para a participação tão logo os planos foram aprovados pela prefeitura. É de estranhar, especialmente porque o êxito do Modelo Barcelona se deve, em larga medida, ao amplo consenso criado durante



O CONTRASTE de arquiteturas clássicas e contemporâneas denuncia a transformação. A antiga chaminé sobrevive

décadas de debate, facilitado pela descentralização dos projetos e pela participação cidadã. Em se tratando de um empreendimento criativo, que pressupõe inteligência coletiva, por que a população original não foi convidada a participar dessa visão?

Para Maria Rosa Bonet, subdiretora do Departamento de Psicologia Social da UAB, Barcelona foi vítima do seu próprio sucesso. Com o tempo, as lideranças pensantes das associações de vizinhos foram incorporadas ao poder público e passaram a se comportar como “déspotas esclarecidos”. Além disso, o boom de espaços públicos qualificados foi tamanho que atingiu um ponto de saturação e essas organizações perderam as causas que lhes conferiam poder.

Já o professor de Arquitetura da Universidade Presbiteriana Mackenzie, Claudio Leite, especialista em cidades criativas que visita Barcelona desde 1997 quase que anualmente, acredita que o 22@ representa uma mudança de paradigma, do espírito republicano para o espírito globalizado: “É quase como sair de um filme europeu para entrar em Hollywood. A fala é ‘queremos a IBM aqui, queremos o Steve Jobs aqui’. Embora o projeto tenha muitos elementos do urbanismo cidadão, o sintoma é o pragmatismo, em que a consulta e a participação perdem prioridade”.

▲ Espécie de passeio público presente em todos os bairros, uma das marcas da cidade



AVENIDA DIAGONAL, no bairro de Poble Nou: antes e depois





## Artistas sentem falta da liberdade transgressora do passado. Não se pode projetar a espontaneidade e o imprevisto, ingredientes da inovação

Lluis Checa, o poeta visual que vem fotografando as transformações do bairro e assina as imagens desta reportagem, é um dos artistas de raiz do Poblenou. Seu coletivo, La Fundició, permanece ocupando um antigo galpão industrial cedido pelo avô de um dos integrantes. “Viva a crise!”, diz ele quando adentramos o espaço, “se não fosse por ela, não estaríamos aqui”. Checa reconhece que a renovação tem aspectos positivos. “Há 20 anos, o único espaço verde que tinha aqui era o cemitério. Mas quando o vejo o símbolo 22@ me dá raiva, pela arrogância que tiveram em passar por cima das pessoas.”

Ele se refere à agência 22@, órgão gestor formado por representantes do poder público, do setor privado e das universidades, que para Leite é a grande sacada, porque permite a continuidade blindada de oscilações políticas. O professor, no entanto, alerta que a valorização imobiliária exponencial pode fazer da **gentrificação** o calcanhar de aquiles do projeto.

A palavra especulação aparece até hoje nos protestos de moradores, expostos em faixas penduradas nas janelas. É um mal-entendido, próprio de uma comunicação

deficitária, já que a condição *sine qua non* para viabilidade do 22@ é que todos os espaços tenham destinação, pública ou privada.

### TÁBULA RASA

Do centro cultural Niu Spai Artistic, o produtor Sergi Navarro consegue enumerar uma série de novos pólos criativos num raio de poucas quadras. São galerias de arte, companhias de dança, um laboratório de tecnologia musical, um campus de comunicação. “Estão ocorrendo outras conexões artísticas, muito ligadas às novas tecnologias”. Mas, quando pergunto do que ele mais sente falta, Navarro tem dificuldade de explicar: “Acho que é de espaços onde se esconder. Não se pode mais fazer nada um pouco transgressor, não se pode fazer grafite. Sinto falta da liberdade, das festas nas fábricas, de menos controle”.

Sua fala combina com a interpretação de Claudio Leite, para quem o Poblenou de hoje “é muito organizado, porém asséptico”. E também com o entendimento de Ramon Ribera-Fumaz, pesquisador em sociedade do conhecimento e transformações urbanas da Universidade Aberta da Catalunha: “A zona 22@ ainda é muito das ‘nove às cinco’. A maioria das pessoas vem, trabalha e vai embora”.

A conclusão fatal é que não se pode controlar tudo, diz Ribera-Fumaz, a exemplo da crise econômica que provocou **altos níveis de desemprego** e forçou a migração de contingentes jovens, justamente a população que o 22@ deseja atrair. “Podemos basear a nossa estratégia numa única direção? Não deveríamos estar discutindo alternativas, como cooperativas ou o Terceiro Setor? Para mim, uma estratégia econômica precisa apontar para muitos alvos diferentes.”

Leite explica que todas as tentativas anteriores de *clusters* planejados, na França, no Japão e na China, falharam. Há limites para a engenharia da criatividade. Boa parte disso depende de um *buzz* autêntico, que se forma com o tempo e com espontaneidade. De nada valeria toda a fibra ótica do mundo para criar um polo criativo no deserto, pois as classes criativas vão aonde estiver a vivacidade urbana genuína. Barcelona está no meio do caminho. De fato, inventou e planejou uma nova identidade para um bairro que tinha outra trajetória, mas, ao mesmo tempo, tem seu projeto conectado à trama de uma das cidades mais fascinantes do mundo.

“Esse tempo, essa história, chegarão também para o Poblenou. E, daqui a 20 anos, Barcelona será uma cidade ainda melhor”, aposta o professor. Enquanto os ventos da nova economia continuarem a soprar a necessidade de ter gente caminhando nas ruas, há esperança. ■

NA VERSÃO DIGITAL DESTA REPORTAGEM EM FGV.BR/CES/PAGINA22 SAIBA MAIS SOBRE O CONCEITO DE CIDADE COMPACTA E SUAS IMPLICAÇÕES PARA A SUSTENTABILIDADE

Expulsão de moradores. Como medida de mitigação, a prefeitura ofereceu 1.500 moradias de proteção oficial, em que pessoas de baixa renda pagam pelo direito de habitar durante 75 anos, transferível a seus descendentes

Mais de 20% da população ativa em toda a Espanha. Para as pessoas com até 30 anos, essa marca chega a obscenos 45%



# [ANÁLISE]

## O mito da energia abundante

O avanço das renováveis não pode alimentar a crença de que os limites naturais deixam de existir com a menor dependência das fontes fósseis **POR RICARDO ABRAMOVAY \***

É preciso cuidado com a principal conclusão do relatório lançado pelo IPCC em Abu Dhabi, nos Emirados Árabes Unidos, na segunda semana de maio: a energia renovável poderá mover a economia mundial já em 2050 [1]. É bem verdade que, mesmo antes da divulgação do estudo completo (que só estaria disponível no início de junho de 2011 e tem mais de mil páginas), as informações do sumário para os gestores públicos são impactantes.

Quarenta e sete por cento do aumento na capacidade de geração de energia elétrica no mundo, em 2008 e 2009, vieram de fontes não fósseis. Os países em desenvolvimento respondem por mais da metade dessa elevação. Em 2009, a energia eólica expandiu-se 32% e a originária de células fotovoltaicas 53%, com relação ao ano anterior. A participação dos biocombustíveis na matriz energética mundial dos transportes cresceu de 2% para 3% entre 2008 e 2009. Também se ampliaram de maneira considerável as energias renováveis descentralizadas, sobretudo em regiões rurais. A curva de aprendizagem das energias renováveis tem levado à redução em seus preços: o silício presente nas células fotovoltaicas caiu de US\$ 65 em 1976 a US\$ 1,4 em 2010. O custo da produção elétrica eólica nos EUA desceu de US\$ 4,3 por watt em 1984 para US\$ 1,9 em 2009.

Mas a mensagem central do relatório só pode inspirar precaução: “O potencial técnico global das fontes de energias renováveis não limitará o crescimento continuado de seu uso” (página 7 do resumo para gestores públicos). Os estudos compilados pelo IPCC indicam que a oferta dessas fontes poderia ser maior que a demanda de energia derivada da expansão econômica mundial. As promessas estão na energia solar, seguida pela biomassa, pela eólica e pela geotérmica. Em 2050, nada menos que 80% da energia da qual



depende o planeta poderiam vir de fontes não fósseis.

Infelizmente, porém, não é esta a leitura mais realista que se pode fazer das próprias informações do trabalho do IPCC. Primeiramente, deve-se lembrar que o ponto de partida das energias renováveis é muito baixo. A cifra de quase 13% da matriz mundial corresponde, na verdade, em sua maioria, à biomassa para cozinha e, em menor proporção, para aquecimento, em países muito pobres. As energias mais promissoras partem de um patamar quase irrisório: 0,1% para a solar, 0,1% para a geotérmica, 0,2% para a eólica e 2,3% para as hidrelétricas, cujos limites de crescimento são conhecidos. Quanto às bioenergias modernas, até aqui, somente o etanol de cana-de-açúcar oferece eficiência energética e econômica, apesar do otimismo que cerca o etanol celulósico.

Esta é a razão pela qual, longe da convergência em torno de uma suposta emancipação das energias fósseis em 2050, anunciada com certo alarde na imprensa mundial, os cenários estudados pelo IPCC são, na verdade, bem menos otimistas. Mais da metade deles considera que, em 2030, as energias renováveis serão 17% do total, chegando a 27% em 2050. Apenas alguns poucos cenários apontam para a perspectiva de 43% em 2030 e 77% em 2050.

Apesar das óbvias vantagens e dos imensos potenciais técnicos das energias renováveis, a transição para uma sociedade quase independente de combustíveis fósseis não será levada adiante em algumas poucas décadas. Excesso de otimismo, nesse caso, pode desviar a atenção de duas questões decisivas.

A primeira refere-se à urgência de uma utilização mais racional e, sobretudo, mais parcimoniosa da energia e dos materiais de que depende a economia mundial. O avanço das energias renováveis não pode estimular o mito de um mundo em que os limites dos ecossistemas deixam de existir em virtude da menor dependência com relação a petróleo, carvão e gás.

A segunda consiste em reduzir drasticamente a desigualdade no uso da energia, o que supõe mudanças fundamentais nos próprios padrões de consumo das sociedades contemporâneas: o consumo *per capita* de energia nos Estados Unidos, por exemplo, é mais de 15 vezes superior ao da Índia. No planejamento da descarbonização da economia mundial, o avanço das energias renováveis é tão importante quanto a redução desse vergonhoso abismo. ■

\* PROFESSOR TITULAR DO DEPARTAMENTO DE ECONOMIA DA FEA, DO INSTITUTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS DA USP; PESQUISADOR DA FAPESP E DO CNPQ – WWW.ABRAMOVAY.PRO.BR

[1] Acesse o relatório em [www.ipcc.ch](http://www.ipcc.ch), clicando em “report”.





## Para a memória **ficar**

**E**ste é um dos treze cartazes lambe-lambe que o coletivo mineiro Poro criou para levantar problemas, provocar questões e propor outros usos do espaço público, em tempos de transformação feroz. Impressos em serigrafia, são instalados na rua, sempre cobrindo publicidades. O Poro, objeto de reportagem sobre arte relacional na edição anterior, foi o primeiro escolhido entre os artistas que gentilmente cederam seu trabalho para publicar nesta seção (*saiba mais em [fgv.br/ces/pagina22](http://fgv.br/ces/pagina22)*). Até porque a ideia é justamente compartilhar: por meio do *link* [poro.redezero.org/cartazes](http://poro.redezero.org/cartazes), as pessoas podem baixar os cartazes, imprimir e espalhar a mensagem. **POR AMÁLIA SAFATLE**

**EMBALAGEM  
100% RECICLÁVEL  
DA TETRA PAK.  
COMPRE  
ESTA IDEIA.**

A caixinha da Tetra Pak que você leva para sua casa é quase toda feita de fonte renovável\* e certificada pelo FSC, que apoia o manejo responsável de florestas no mundo. Além disso, ela também é 100% reciclável. Depois de usar, é só separar a caixinha da Tetra Pak junto com os outros recicláveis para a coleta seletiva. Ela vai se transformar em telhas, caixas de papelão, cadernos, canetas e muitas outras coisas úteis. Acesse [www.rotadareciclagem.com.br](http://www.rotadareciclagem.com.br) e descubra a coleta seletiva mais próxima de você. Tetra Pak. Protege o que é bom.

\*75% da embalagem da Tetra Pak é papel, uma matéria-prima renovável.

FSC  
www.fsc.org  
#SC-C014047  
A marca de gestão florestal responsável.

MIC SAATCHI F&O

PROTEGE O QUE É BOM  
Tetra Pak

[www.tetrapak.com.br](http://www.tetrapak.com.br)



Com a linha Ekos, a Natura inaugurou um modelo de fazer negócios baseado numa pergunta simples: por quê?



Loro faz parte da Associação Jauari, Moju, PA, que colhe o murumueú.

FATECA ©

Observando a natureza e a maneira como tudo nela se relaciona, a Natura aprendeu que para tudo existe um porquê. Isso nos motivou a lançar, em 2000, a linha Natura Ekos. Com ela, apresentamos ao consumidor o porquê de desenvolver produtos mantendo a floresta em pé e produtiva. O porquê de pesquisar os ativos da floresta preservando a tradição das comunidades que lá vivem.



O porquê de ter responsabilidade socio-ambiental. Nesses 10 anos, 1.714 famílias de 20 comunidades foram beneficiadas, colaborando para a preservação da floresta. Esses são os nossos porquês. E essa é a nossa maneira de valorizar as riquezas da nossa terra e da nossa gente. E de contribuir para a conservação dos patrimônios natural e cultural brasileiros.